

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ATUAÇÃO DE MULHERES EM MINISTÉRIOS
PASTORAIS: REALIDADE PRESENTE EM TEXTOS
BÍBLICOS**

DIANE MARCY DE BRITO MARINHO

**GOIÂNIA
2004**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ATUAÇÃO DE MULHERES EM MINISTÉRIOS
PASTORAIS: REALIDADE PRESENTE EM TEXTOS
BÍBLICOS**

DIANE MARCY DE BRITO MARINHO

ORIENTADORA

Prof^a. Dr^a. Ivoni Richter Reimer

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião como
requisito para obtenção do Grau de
Mestra.

GOIÂNIA

2004

ATUAÇÃO DE MULHERES EM MINISTÉRIOS PASTORAIS: REALIDADE PRESENTE EM TEXTOS BÍBLICOS

DIANE MARCY DE BRITO MARINHO

Dissertação defendida e aprovada, com nota: _____ (_____), em _____ de Março de 2004.

Pela banca examinadora: composta pelas seguintes professoras:

Banca Examinadora

_____ Prof^a. (Orientadora) Dr^a. Ivoni Richter Reimer

_____ Prof.

_____ Prof^a.

Dedico esta pesquisa

A todas as mulheres e a todos os homens que acreditam que os textos da Escritura (a Bíblia), não seja um livro que reforça a discriminação, a dominação entre povos e nações, mas são textos que podem ser apropriados como exemplo de vida e determinação, de mulheres e homens que lutaram contra o mundo para viver e tornar a realidade a fórmula batismal de Gl 3,28: “vós que fostes batizados e batizadas em Cristo, vós vivestes em Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por conceder o dom da vida para que pudesse mergulhar no universo da pesquisa e conhecer mulheres que, em contextos diferentes, desempenharam, com coragem, seus papéis e foram reconhecidas como protagonistas em suas histórias de vida.

À professora Ivoni Richter Reimer, pela dedicação, pela orientação durante a elaboração desta pesquisa, ajudando a tornar realidade mais esta conquista em minha vida.

A todos os professores e a todas as professoras do Departamento de Filosofia e Teologia, Mestrado em Ciências da Religião que, com seus conhecimentos acadêmicos, puderam contribuir para a qualidade deste trabalho.

À Dra. Laura Chaer que sempre com dedicação e disponibilidade esteve durante os dois anos acompanhando os meus escritos.

À amiga Mônica Aparecida R. Gomes, que, até o último instante de concluir esta pesquisa, esteve compartilhando comigo seus conhecimentos e, por intermédio de seus conselhos, encorajou-me a chegar ao término deste trabalho.

À minha amiga Keila Matos, a qual nomino representando os companheiros e companheiras do mestrado, os quais, a cada reunião, com suas idéias e entusiasmo, tornaram o nosso espaço de convivência agradável e alegre.

AGRADECIMENTO AOS FAMILIARES

Ao meu companheiro e esposo João Marinho, pela compreensão e estímulo, permitindo e proporcionando tranqüilidade no decorrer deste trabalho.

À minha filha Kelly Cristina, por seu amor, sua compreensão e apoio, motivando-me a busca do aprender.

Aos meus queridos, pai, Gutemberg de Brito, e mãe, Elizama G. de Brito, que me ajudaram com suas orações.

À minha sobrinha Ana Helena de B. Moraes, pelas incessantes orações e reflexões que juntas fizemos, contribuindo para a qualidade deste trabalho.

À minha irmã/mãe Eneide de B. Indalécio, que, com seu entusiasmo e apoio, ensinou-me a manter a chama da esperança acesa neste período, com seus conselhos e reflexões mostrou-me que é possível realizar sonhos que se encontravam adormecidos.

LISTA DE ABREVIATURAS

Rm	- Romanos
At	- Atos
1Cor	- 1 Coríntios
Lc	- Lucas
Sec.	- Século
D.c.	- Depois de Cristo
Mc	- Marcos
Gl	- Gálatas
Ef	- Efésio
Cl	- Colossenses
1Tm	- 1 Timóteo
1Ts	- 1 Tessalonicenses
Fl	- Filipenses

SUMÁRIO

<u>RESUMO</u>	10
<u>ABSTRACT</u>	11
<u>INTRODUÇÃO</u>	12
<u>CAPÍTULO I</u>	20
<u>O TRABALHO MISSIONÁRIO DO APÓSTOLO PAULO E O CONTEXTO ROMANO</u>	20
<u>1.1. O Perfil Humano e Cristão do Apóstolo Paulo</u>	20
<u>1.2. As Viagens Missionárias do Apóstolo Paulo</u>	23
<u>1.3. Aspectos Sociais e Econômicos em Roma</u>	27
<u>1.3.1. Pobres e camponeses</u>	31
<u>1.3.2. A escravidão no mundo greco-romano</u>	33
<u>1.3.3. Mulheres na sociedade romana</u>	40
<u>1.4. Aspecto Cultural do Império Romano</u>	44
<u>1.5. Aspectos Religiosos</u>	47
<u>CAPÍTULO II</u>	55
<u>MINISTÉRIO DE MULHERES A PARTIR DE Rm 16,1-16</u>	55
<u>2.1. Origem da Carta aos Romanos</u>	56
<u>2.2. Texto Original</u>	57
<u>2.3. Formação Sociocultural em Roma (Rm 16,1-16)</u>	60
<u>2.4. Igreja na Casa, Lugar de Trabalho Missionário</u>	65
<u>2.5. Ministério de Mulheres a Partir de Rm 16,1-16</u>	69

<u>2.5.1. Trabalho diaconal</u>	71
<u>2.5.2. Trabalho apostólico</u>	75
<u>2.5.3. Colaboradores missionários</u>	78
<u>2.5.4. Cansativo trabalho no Senhor</u>	79
<u>CAPÍTULO III</u>	83
<u>COMO MULHERES HOJE VIVEM O SEU MINISTÉRIO</u>	83
<u>3.1. Entendendo Paulo Hoje</u>	84
<u>3.2. Recordar o Passado e Tornar as Mulheres Protagonistas Mais Uma Vez</u>	89
<u>3.3. Homens e Mulheres, a <i>Ekklesia</i> de Deus</u>	95
<u>CONCLUSÃO</u>	98
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	103

RESUMO

MARINHO, Diane Marcy de Brito. *Atuação de mulheres em ministérios pastorais: Realidade presente em textos bíblicos*. Goiânia: UCG, 2004.

Nesta pesquisa investigamos o protagonismo de mulheres em funções ministeriais em textos bíblicos como Rm 16,1-16 e comentamos a respeito de desafios enfrentados por mulheres hoje em Igrejas que desconsideram a sua participação nas comunidades cristãs originárias. Evidenciamos a necessidade de uma reconstrução da história de mulheres em cargos eclesiais, para que elas atuem hoje nas Igrejas como respaldo bíblico. Identificamos nesta investigação que, funções ministeriais de mulheres permaneceram ocultas ao longo dos tempos porque, muitas vezes, a igreja não fez uma leitura crítica de textos bíblicos, desconsiderando sua linguagem androcêntrica e patriarcal. Para chegarmos a essa conclusão, dividimos este trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma visão geral do trabalho missionário do Apóstolo Paulo e abordamos também aspectos sócioeconômicos, políticos e religiosos de Roma, procurando averiguar em que contexto do primeiro século as mulheres estavam inseridas. No segundo, desenvolvemos uma exegese de Rm 16,1-16 por intermédio de hermenêutica feminista para detectarmos as funções ministeriais desempenhadas por mulheres, com o intuito de desmistificar as leituras androcêntricas contrárias ao pleno desempenho ministerial de mulheres. No terceiro capítulo, fizemos uma reconstrução histórico-criativa, discutindo sobre a influência que textos bíblicos causam no ministério de mulheres hoje quando lidos fora de seu contexto.

Palavra Chaves: Funções ministeriais, protagonismos de mulheres, discriminação, mulheres, ministérios, Rm 16,1-16.

ABSTRACT

MARINHO, Diane Marcy de Brito. *Women's performance in pastoral ministries: present reality in biblical texts*. Goiânia, UCG, 2004.

In this research we investigated the women's protagonism in ministerial functions in biblical texts like Rm. 16,1-16 and we commented about challenges faced by women in Churches now a days, that disconsider their participation in the original Christian communities. We evidenced the need of a historical reconstruction of women in cleric positions, so today they can act in Churches with biblical back up. We identified in this investigation that women's ministerial functions stayed occult along the times because, a many times, the church did not make a critical reading of biblical texts, disregarding its androcentric and patriarchal language. To come to this conclusion, we divided this work in three chapters. In the first chapter, we presented a general vision of Apostle Paul's missionary work and we also approached social-economic aspects, Rome's politicians and religious people, trying to discover in what context of the first century the women were inserted. In the second chapter, we developed an exegesis of Rm. 16,1-16 through feminist hermeneutic to detect the ministerial functions carried out by women, with the intention of clarify the androcentric readings contrary to the full ministerial acting by women. In the third chapter, we made a historical-creative reconstruction, discussing on the influence now a days biblical texts cause in women's ministry when they are read outside their context.

Word Keys: Funcions ministeries, protagonists towards women, discrimination, women's, ministries, Rm 16,1-16.

INTRODUÇÃO

O assunto pesquisado foi “Atuação de mulheres em Ministérios Pastorais: realidade presente em textos bíblicos”, cujo objeto de estudo foram mulheres no exercício ministerial a partir de textos paulinos.

Ao se fazer um resgate histórico da mulher, percebe-se que muitos são os trabalhos significativos deixados por ela ao longo dos tempos. Durante séculos se atribuiu o conceito de trabalho feminino apenas àquele que se fazia no lar, afazeres domésticos, educação dos filhos. Esse conceito é irreal, pois tanto no passado como no presente as mulheres têm trabalhado durante toda a sua vida em vários âmbitos.

Como exemplo temos Priscila que juntamente com seu marido não limitava suas funções apenas no exercício ministerial, mas realizava um trabalho tipicamente de homem denominado pela pesquisa tradicional. “Mulheres artesãs trabalhava, com metal, ferro e couro. Trabalho pesado!”. (RICHTER REIMER, 1995, p. 93).

Partindo do pressuposto de que homens e mulheres são agentes participativos de sua história, a mulher vem lutando e tentando galgar posição que até então a própria sociedade não lhe dava o direito de ocupar, e vem assim fazendo a sua própria história.

A presente pesquisa se justifica pelo fato de que a mulher, até mesmo nos dias de hoje, em alguns campos da sociedade, encontra-se reprimida. Em instituições religiosas, encontram-se obstáculos para a atuação das mulheres no ministério. Há muita controvérsia sobre o assunto, muitos estudos, mas sentimos a necessidade de estar revendo como algumas denominações se posicionam ante a atual questão: a plena atuação das mulheres no ministério.

Em uma pesquisa como esta, tem-se a necessidade de conhecer os trabalhos realizados pelas grandes mulheres em algumas comunidades cristãs originárias. É necessário, portanto, identificar de forma bastante detalhada qual era a posição ocupada por elas na comunidade em que se vivia.

Muitas são as mulheres nas comunidades originárias que se destacaram, tanto nos trabalhos seculares como no ministerial. Lídia é exemplo disso. Em Filipos, conta nos a narrativa bíblica (At 16,11-15-40), Lídia foi vendedora de púrpura, conhecia o mundo dos negócios. Sua casa tornou-se um centro cristão, conseqüentemente realizava um trabalho missionário.

Sabemos que a Bíblia é um livro importante para os cristãos e que muitas são as igrejas que se apoderam dos textos bíblicos para estarem argumentado tanto a atuação quanto a não atuação das mulheres nos cargos ministeriais. Assim, a interpretação bíblica influencia direta ou indiretamente nas nossas vidas de forma libertadora ou opressora.

Os textos bíblicos possuem uma linguagem androcêntrica, linguagem esta que procura fazer com que as mulheres desapareçam dos textos no contexto em que eles foram escritos.

O sistema patriarcal deixou raízes profundas, introjetando na mulher uma submissão indevida. Vale a pena a mulher refletir sobre sua posição, pois é ela

própria que será protagonista de sua história, levando-a a ocupar cargos que lhe são de direito.

As Cartas Paulinas são cartas bastante usadas por algumas igrejas na repressão das mulheres. Os textos escritos por Paulo, sem dúvida, são de valor muito grande, mas estes, quando pesquisados, também nos fornecerão subsídios, não para repressão da mulher, mas para sua libertação.

É importante dar ênfase às Cartas Paulinas, para que possamos aqui abrir uma reflexão sobre a sociedade em que Paulo vivia e a sociedade em que a mulher estava inserida.

Por não se saber qual o verdadeiro papel da mulher nas igrejas e perceber que há um avanço delas no ministério, acredito que a presente pesquisa irá levar-nos à reflexão sobre questões que não são novas, mas, com certeza, nos ajudarão a buscar alternativas para uma nova ação.

Pensando em investigar as causas que levam à discriminação em relação à atuação das mulheres no ministério, procurei responder à seguinte pergunta: qual é a imagem das mulheres em textos paulinos quanto à sua atuação no ministério?

Em torno dessa pergunta central, foram concebidas outras corolárias. Qual o texto paulino que nos leva a perceber a relação de igualdade e discriminação entre homens e mulheres e quais os cargos exercidos pelas mulheres em algumas comunidades cristãs originárias?

Ao rever a história da mulher no âmbito religioso, muitas foram as contribuições, mas a sua posição diante dos trabalhos ministeriais ainda continua sendo, para alguns teóricos, ponto de divergência, pois, para alguns, as mulheres são vistas como seres não dotados de tal capacidade. O problema detectado é exatamente recolher textos paulinos onde há protagonismo de mulheres, pois alguns

líderes eclesiais apoderam-se de textos paulinos e, como leis, justificam a não atuação das mulheres em cargos ministeriais.

Nesse caso, tratarei de usar uma hermenêutica feminista, em que procurarei descobrir a prática das comunidades cristãs originárias em se tratando de funções ministeriais.

A opção pelo uso dessa hermenêutica se justifica pelo fato de que é um método que mulheres e homens buscam por relações justas, mulheres refletem sobre suas experiências cristãs buscando igualdade entre ambos. Através deste método muitas mulheres conseguiram perceber melhor que os homens a presença, o significado e o seu papel na Bíblia, na história das origens cristãs e na Igreja. Com esta hermenêutica foi possível revelar e corrigir algumas interpretações tendenciosas que visavam justificar a dominação do homem sobre a mulher. A hermenêutica feminista procura reconstruir histórias esquecidas de mulheres cristãs, e faz um exame crítico da interpretação bíblica. Trata-se de uma hermenêutica que não continua repetindo as diferenças sociais existentes, mas que procura mostrar o pensar e o agir dos cristãos em seu próprio contexto, tornando por base os aspectos culturais, políticos e sociais .

Foulkes (1995, p. 119-21) diz que ao se fazer uma releitura dos textos bíblicos em relação ao gênero, precisa-se buscar o seu conceito na antropologia. Percebe-se que desde muito cedo comportamentos e papéis são definidos a homens e mulheres, e reforçados pelos agentes da socialização (família, escola, igreja). Lembrando porém que a cultura ocidental tem como representante dos dois sexos o masculino, o homem.

Ao difundir essa cultura, vê-se que a participação da mulher no social é limitada, fazendo com que a sociedade tenha uma perda, pois grandes contribuições

poderia ela estar exercendo em toda atividade social.

Na sociedade ocidental a igreja se torna cúmplice dessa ideologia, procurando inculcar em cada fiel o sistema proposto da desvalorização e marginalização do genero feminino, legitimando uma ordem social machista.

Paulo porém fez parte de uma sociedade que procurava estar reafirmando valores de sua cultura, e como humano deixa fluir em seu discurso valores culturais da época; e hoje, sem buscar contextualizar a realidade vivida, as igrejas buscam reprimir as mulheres quando se trata de trabalhos ministeriais.

Fica claro em Romanos 16 que a relação que Paulo mantinha com as mulheres não era de discriminação e sim as colocava em pé de igualdade com todos os homens.

Tamez (1985, p. 56-72) nos leva a refletir que ler a Bíblia em perspectiva feminista é difícil, mas necessário. Ler a Bíblia na perspectiva da mulher é difícil pelo próprio contexto patriarcalista em que ela foi escrita. Porém, encontramos na própria Bíblia pontos de leitura para uma libertação, quando se refere à história de povo oprimido, dando-nos então razões para que uma nova hermenêutica possa nascer e reconhecer que a Bíblia pode ser lida por um olhar feminista.

Tamez reconhece que a discriminação da mulher, nos povos latino-americanos, é assunto que tem sido de pouca importância, pois a luta recai apenas na libertação de pobres e dominados. Toda opressão, exploração e marginalização vêm sendo em muitos lugares reforçadas por uma teologia tradicional de autoridade bíblica. Ao mergulhar-se no universo maravilhoso que a Bíblia nos traz, percebemos que com base nela nasce um novo paradigma, levando-nos a ler os textos numa perspectiva libertadora, deixando de lado textos que elucidem idéias patriarcais. As mulheres buscam em Deus um Deus libertador e, olhando por esse prisma, não

tomarão como exemplo textos que lhes ordenem a submissão.

No século XX, por volta da década de 70, o que se desenvolveu no seio da teologia da Libertação foi a leitura da Bíblia em uma dinâmica feminista.

Tenta-se aqui recuperar a história de mulheres protagonistas como Júnia, Trifena, Trifosa, Febe e outras que foram grandes missionárias. São histórias de mulheres que durante séculos foram silenciadas como forma de controlar seu poder. Com certeza, ao apropriarmos-nos da história, estaremos buscando fortalecer o poder de igualdade entre homens e mulheres e mostrar o valor de cada construção de sua história. A Bíblia contém uma interpretação dominadora diante dos moldes patriarcais, quando se requer uma mulher submissa ao homem. É importante, porém, ao ler os textos, verificar como eles vêm sendo refletidos nas histórias da vida de mulheres na época atual. Assim, é importante valorizar as mulheres do passado para dar firmeza à caminhada das mulheres atuais (RICHTER REIMER, 2000, p. 15-20).

Por estar questionando as instituições da sociedade em que não se tinha igualdade entre homens e mulheres e por querer-se verificar a história da mulher cristã nas comunidades da época do Império Romano é que nasce a ciência histórica feminista. O método histórico feminista tem como objetivo reconstruir a história das mulheres cristãs, examinando com criticidade as interpretações bíblicas e redescobrimo uma teologia integral. Nessa teologia, todas as pessoas são iguais, ela procura relatar o pensar e o agir em contexto social próprio. Para a hermenêutica, seria como interpretar as pessoas em seu próprio contexto. As diferenças entre homens e mulheres são produtos de dominação social. A teologia de libertação feminista, como afirma Schottroff (1995, p.97) “insiste na inter-relação de liberdade de mulheres e justiça social” e em abrir um novo olhar para os

ensinamentos de Paulo. Sem dúvida, a leitura das Cartas Paulinas ocasiona a opressão das mulheres na igreja. No entanto, não se pode ignorar por completo que as cartas escritas por Paulo também servem para libertação, quando resgatamos as histórias de mulheres que juntamente com ele exerceram os seus ministérios. (SCHOTTROFF, 1995, p. 91-7).

Nesta pesquisa, um aspecto importante a ser considerado é a linguagem androcêntrica que os textos bíblicos trazem. Conceitos como apóstolo, diáconos e outros aplicam-se numa exegese androcêntrica e patriarcal e reservam o direito de serem aplicados apenas para os homens e não para as mulheres. Ao reconhecer que no cristianismo originário mulheres tiveram funções eclesiais, estaremos renunciando às idéias patriarcais existentes em muitas denominações cristãs, em consequência, muitas igrejas devem estar revendo seus conceitos e se baseando em textos bíblicos e dando liberdade de atuação às mulheres nas igrejas.

A presente pesquisa utilizou o texto bíblico de Rm 16,1-16, para, valendo-se dele, poder mostrar o protagonismo de mulheres nos cristianismos originários. Para uma análise mais profunda foi preciso trabalhar com alguns textos do Novo Testamento de forma direta e comparativa.

A organização da pesquisa partiu do exame da fonte, que ajudou a esclarecer o problema apresentado. A investigação trabalhou com fontes como o Novo Testamento em grego e a Bíblia de Jerusalém. Outras fontes bibliográficas foram usadas, como artigos de periódicos, concordâncias bíblicas, dicionários bíblicos e gerais, enciclopédia, livros em geral, monografias etc., para que se pudesse realmente encontrar subsídios para a compreensão do problema.

Sabe-se que os textos bíblicos são produtos de uma história e uma cultura androcêntrica-patriarcal. Ao se buscar o protagonismo das mulheres, muitas

vezes ocorre-se problemas pelas divergências encontradas entre exegetas, mas tentar-se-á reconstruir a história do cristianismo em uma perspectiva feminista na qual as mulheres não se tornem invisíveis e ocultas, mas protagonistas em suas histórias de vida.

Para melhor desenvolver os objetivos desta pesquisa o texto foi estruturado do seguinte modo:

A introdução dá início à pesquisa, dando-nos uma visão do assunto tratado e dos procedimentos utilizados, constando o tema, a justificativa, o objetivo e a hipótese. Também estará sendo explicada a hermenêutica que será utilizada nesta pesquisa, bem como as idéias de algumas autoras: Richter Reimer, Schottruff, Tamez e outras.

O capítulo I apresentará uma visão geral sobre o trabalho missionário do Apóstolo Paulo, abordando os aspectos político, social, econômico, religioso e cultural de Roma, procurando reconstruir a história das mulheres neste contexto social.

O Capítulo II, numa ótica feminista, apresentará, a partir de Rm 16,1-16, a atuação de mulheres em cargos ministeriais. Nesse capítulo se fará uma análise das funções ministeriais como: diáconos, patrona, apóstola etc., tentando desmistificar as leituras androcêntricas dos textos bíblicos.

No capítulo III, tenta-se fazer uma reconstrução histórico-criativa, em que se fará uma discussão sobre a influencia do texto bíblico nos dias atuais.

A conclusão informará os resultados obtidos em relação ao problema investigado.

CAPÍTULO I

O TRABALHO MISSIONÁRIO DO APÓSTOLO PAULO E O CONTEXTO ROMANO

1.1. O Perfil Humano e Cristão do Apóstolo Paulo

Paulo nasceu em Tarso, cidade situada na região da Sílicia, Ásia Menor, atual Turquia. Segundo Mesters (1991, p. 15-7), Tarso era um centro importante de cultura e de comércio, o qual ligava o oriente com o ocidente. Na época em que Paulo nasceu, era comum entre os judeus a migração para fora da Palestina. Nas cidades, eles se organizavam e formavam bairros judeus, cada um com sua sinagoga. Jerusalém era para os judeus o centro religioso em tempos de festas e celebrações. Entende-se que Paulo nasceu em Tarso, mas viveu em Jerusalém, como ele mesmo dizia: “Todos os judeus sabem como foi minha vida desde minha juventude e como, desde o início, vivi no meio do povo e em Jerusalém” (At 26,4).

Nascido de família judia, Paulo foi criado dentro das exigências da Lei de Deus. Sua formação básica foi recebida na casa de seus pais, na sinagoga do bairro e na escola, como era normal (MESTERS, 1991, p.16)

Em Jerusalém, aos pés de Gamaliel, recebeu formação superior mediante

a qual aprofundou seus conhecimentos sobre a Lei de Deus, a Torá; a tradição dos antigos e a interpretação da Bíblia.

A leitura da Bíblia era marca registrada do povo judeu. Assim, desde pequeno, Paulo já entrou em contato com a escritura sagrada.

Conforme os costumes da época, aprendeu com seu pai a profissão de fabricante de tendas. Segundo Richter Reimer (1995, p. 92-3), At 18,3 nos mostra o trabalho do apóstolo Paulo e de seus companheiros Priscila e Áquila. Fabricar tendas, segundo a autora, era um trabalho artesanal e pesado, que também era feito por mulheres.

Paulo era considerado cidadão romano, direito talvez recebido pelo seu pai, que por sua vez recebeu de seu avô (At 16,37; 22, 25). Como cidadão, Paulo era membro oficial da cidade, onde opinava sobre a vida política da mesma. A sociedade constituía-se de três camadas sociais: cidadãos, libertos e escravos, e somente os cidadãos podiam participar das assembléias.

Segundo Fabris (1996, 32), a língua materna de Paulo era a hebraica, pois era filho de família judia, e aprendeu grego como sua segunda língua, visto que esta estava difundida por todo o Império Romano. Pôde exercitar essa língua porque a capital da Judéia era um centro de cultura internacional. Assimilando também a cultura grega, utilizou o grego nas viagens feitas pelas cidades do império.

No Império Romano, os judeus se organizavam em associações, onde, buscavam alguns direitos junto ao Império, como plena integração de seus membros como cidadãos e plena liberdade religiosa. Isso aconteceu nos tempos de Júlio César, quando os judeus conseguiram conquistar seu espaço como religião lícita, o que também implicava que não poderiam envolver-se com qualquer tipo de revoltas

e de organização popular que questionassem o domínio romano (MESTERS, 1991, p.19).

Paulo, dentro desse contexto político-religioso, foi emissário do Sinédrio em Damasco (At 9,2; 22,5; 26,12) para controlar e impedir a expansão do movimento cristão. Perseguiu as pessoas, mas tornou-se, após o evento de Damasco, o anunciador do evangelho de Jesus Cristo (MESTERS, 1991, p.20).

Para se reconstituir a experiência espiritual de Paulo é importante conhecer seu acervo literário, as cartas paulinas. Na carta endereçada à comunidade cristã em Roma, referiu-se a si como apóstolo, posto à parte para anunciar o Evangelho de Deus (Rm 1,1). Paulo se entendia como servo, separado por Deus para proclamar, não um ensino feito por ele, mas para transmitir o evangelho que lhe foi revelado por Cristo.

Esse evangelho que ele anunciou, recebeu-o no início de sua vida cristã. Ele pode ser resumido em “Cristo morreu por nosso pecado, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras”. Apareceu a *Cefas* (1 Cor 15, 3-5) (FABRIS, 1996, p.50). Esse texto também afirma o encontro de Paulo com Cristo, fundamentando, assim, o seu direito apostólico.

Ao se colocar como servo, Paulo se via na condição de estar compartilhando a condição social e religiosa dos destinatários do evangelho, sejam eles judeus ou pagãos.

Imbuído de sua vocação de propagar o Evangelho de Jesus Cristo, Paulo foi perseguido, preso (At 16,23), mas não desistiu de sua missão. Como veremos a seguir, fez várias viagens missionárias para levar a Boa Nova, mantendo uma intensa comunhão com os irmãos e irmãs na fé.

1.2. As Viagens Missionárias do Apóstolo Paulo

Como já vimos por intermédio de testemunho lucano nos Atos de Apóstolos, foi perto de Damasco que Paulo teve uma experiência espiritual com o Jesus ressuscitado. Após a sua conversão a Cristo, o relato nos conta que ele causou tanta confusão entre as pessoas, a ponto de lhe prometerem a morte. Paulo foge, então, para Jerusalém (At 9,23-29).

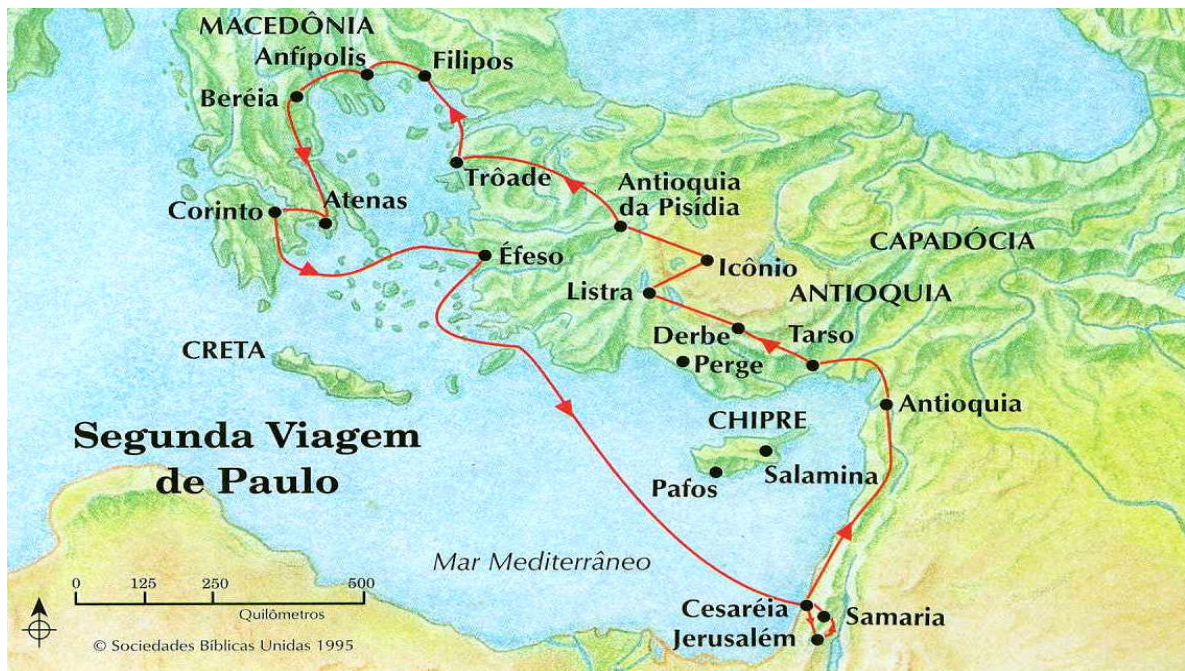
Em Jerusalém, por mais que tentasse, não fazia discípulos, pois muitos duvidavam de sua convicção por causa de seu passado. Querendo alguns a sua morte, ele parte para Cesaréia e depois para Tarso (At 9,20-30).



Chamado por Barnabé a Antioquia, Paulo dedica-se na pregação do evangelho durante um ano (At 11,25-26). O relato das primeiras viagens missionárias é narrado em At 13-14. O itinerário feito por Paulo situa-se

provavelmente nos anos de 40-49: Chipre, Perges da Panfília, Antioquia de Pesídia, depois para cidades de Licaônia (Galácia inferior), Icônio, Listra e Derbe¹.

Segundo Terra (2000, p. 10-1), o método apostólico de Paulo é sempre o mesmo. Ele parte da sinagoga e orienta, em suas pregações, os pagãos quanto aos costumes judaicos. Embora tenha deixado as igrejas organizadas (At 14,23), estava sempre em meio a perigos e perseguições. Assim, ao final da primeira viagem missionária, temos o início da controvérsia em Jerusalém, onde Paulo e Barnabé colocavam seus argumentos religiosos quanto ao fato dos gentios aderirem ao Evangelho (At 15,22).

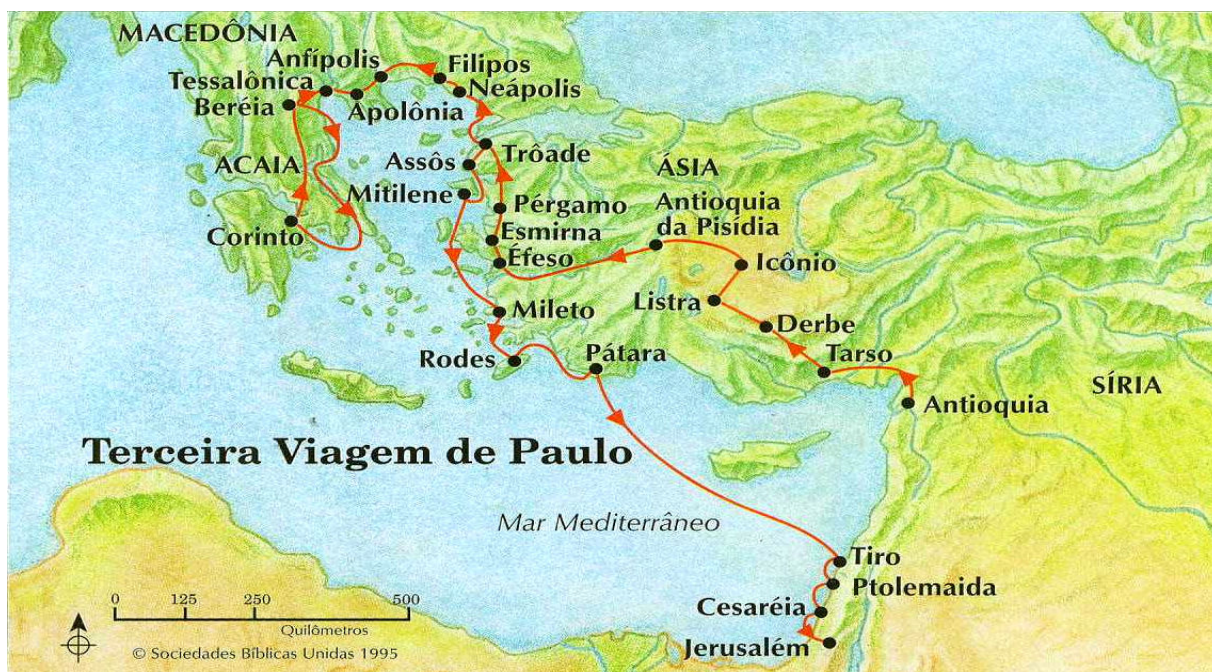


A segunda viagem missionária de Paulo tem como ponto de partida Antioquia na Síria (At 13,1-3). Paulo, desentendendo-se com Barnabé, passou a ter como parceiro seu amigo Silas (At 15,36-40).

Percorrem a Síria e a Cilícia, confirmando as comunidades (At 15,41). Continuam a viagem passando por Derbe e Listra, onde Paulo convida Timóteo (At

¹ Sobre isso, veja Matos, 2002, p. 8-9

16,1-5) para ir com eles. Entram na Frígia, impedidos de ir até a Ásia, passam pela Galácia (At 16,6). Prosseguindo o seu itinerário, vão para Tróia e à Macedônia, onde fundam igrejas em Filipos, Tessalônica e Beréia (At 16,11-17,15). Vai para Atenas (At 17,15-34), para Corinto, onde fica 18 meses (At 18,1-18), para Éfeso (At 18,19-21); embarca para Cesaréia e Jerusalém (At 18,22), de onde retorna para Antioquia na Síria (At 18,22).



De acordo com At 18,23, a terceira viagem do apóstolo Paulo tem como ponto de partida a Antioquia. Antes de fixar-se em Éfeso, percorre a Galácia e a Frígia (At 18,23). Em Éfeso, fica por três anos, e, expulso, segue para Macedônia (At 20,1). Desce para Corinto, onde fica três meses (At 19,1-40). Ameaçado de morte, volta para Macedônia e se refugia em Troade (At 20,13-16). Segue viagem para Mileto (At 20,13-16), e, por mar, chegou em Cesaréia, e subiu a Jerusalém, onde foi preso (At 21,15-36)².

Barbaglio (1991, p. 118-22) diz que pela própria conclusão de seu escrito

² Ver Matos, 2002, p. 10

em Rm 15, 14-33, Paulo considera concluída sua missão no oriente: “agora, porém, que não tenho mais o que fazer nestas regiões...” (Rm15,23). Na sua prática como missionário julga-se que o nome do Senhor Jesus já é invocado em todos os povos orientais. Impulsionado pela consciência de ser apóstolo de todo o mundo pagão, Paulo projeta fazer uma viagem a Roma (Rm 1,10-15;15,22-33) e depois à Espanha. Como se pode constatar em Rm 15,22-33, Roma não ocupa o primeiro lugar em seu projeto missionário. Usa a viagem de Roma como uma estratégia para alcançar a península ibérica, pois tinha como propósito evangelizar terras virgens e não interferir na ação de outros missionários, como deixa claro em Rm 15,22-33.

Paulo, quando ditou a Tércio o seu escrito, leva-nos à confirmação de que a Igreja existente em Roma não foi uma comunidade fundada por ele, há tempos já existia ali uma comunidade de fiéis. Ao escrever confessa à comunidade que há vários anos cultivava o desejo de vê-los, não nos informa, porém, o nascimento da Igreja romana. Por nada revelar em seus escritos sobre o nascimento do Cristianismo em Roma, suas origens continuam no anonimato.

Paulo sem dúvida foi um grande líder missionário. A experiência que teve em Damasco com Deus fez com que rompesse fronteiras e anunciasse a Boa Nova aos povos do mundo inteiro, pois julgava ser o escolhido, o separado para esta missão. Mesmo quando viajava, continuava na liderança e na coordenação das comunidades. Mantinha sempre contato com as comunidades por ele fundadas e com a Igreja como um todo. Sem deixar se intimidar pela sociedade a que pertencia, seguia o seu caminho e pelas estradas as quais percorria, buscava sempre propagar sua fé. Apaixonado pelo evangelho de Jesus Cristo, luta contra todos a fim de realizar seu trabalho missionário, deixando-nos o exemplo de que devemos sempre lutar por aquilo que acreditamos que seja o melhor para nossas vidas.

1.3. Aspectos Sociais e Econômicos em Roma

Segundo Arens (1997, p. 43-6), o termo classes social não é empregado para se referir a classificações sociais na sociedade das comunidades cristãs originárias, pois as catalogações sociais no mundo greco-romano não correspondiam a fatores econômicos. O termo classe estaria classificando as posições dos romanos dentro de uma categoria, como é o caso das categorias jurídicas, onde se encontravam o *ordono senatorius* e o *ordono equester*. Embora o fator econômico não fosse determinante na sua classificação social, o nível que a família ocupava em princípio determinava a sua posição social, como afirma o autor:

“Mas havia outros fatores que, diretamente, ou indiretamente, podiam influenciar posteriormente na avaliação social da pessoa: sua educação, sua ocupação, seus êxitos e sucessos, sua origem étnica, sua cidadania, e, especialmente, seu grau (ou privação) de liberdade” (ARENS, 1997, p. 45).

Segundo Stambaugh e Balch (1996, p. 103), a “classe” alta gozava de grandes privilégios: quando cometiam crimes, suas penas eram leves; exibiam-se em lugares públicos como nos teatros; colocava-se entre os “honráveis” e os “humildes” sem culpa alguma, um grande abismo (Lc 16,19-31). Nos banquetes oferecidos aos cidadãos, o lugar que lhes era dado para comer dependia do seu *status*.

No entanto, também existiam outras oportunidades para mobilidade social. Arens (1997, p. 48) diz que para galgar um nível social que não se tinha herdado pela família, mas adquirido pelos seus próprios esforços, era preciso a

aceitação por parte dos membros de um estrato social, pelos que determinavam as funções e os postos administrativos: enquanto não fossem aceitos, não teriam o acesso a esta classe.

Stambaugh e Balch afirmam (1996, p. 104) que o patrocínio de alguém com autoridade era importante para galgar altos postos. Exemplo disso é o imperador que promovia provinciais prósperos e promissores à ordem eqüestre³. Para um indivíduo também se elevar socialmente e adquirir cidadania romana, este, por sua vez, deveria prestar serviços ao exército. Depois de um ano de serviço era concedida ao soldado a cidadania que, conseqüentemente, passaria para seus filhos.

Uma outra forma de ascensão decorria da emancipação de escravos. Estes, todavia, libertos pelos seus donos, ainda continuavam ligados a eles, seja por obrigações legais, ou por aqueles que se tornavam seus patronos. Esses libertos possuíam nomes característicos para escravo liberto e não podiam exercer cargos públicos e nem se casar com membros da aristocracia. Mas seus filhos eram nascidos libertos, podendo ascender à aristocracia. Para Stambaugh e Balch (1996, p. 105), muitos escravos não conseguiam se libertar de seus donos, outros conseguiam ter uma vida confortável trabalhando com artesanato ou no comércio. Segundo Arens (1996, p. 51), existia escravos que compravam sua liberdade, e libertos que buscavam melhorar sua posição econômica. Pode-se notar que a categoria à qual pertenciam as pessoas se relaciona com o fator econômico e isso determina a posição social.

Segundo Stambaugh e Balch (1996, p. 105), as mulheres que

conseguiram ficar ricas gozavam de influência e poder. Mulheres como Priscila estariam nessa posição (Rm 16,13), bem como Lídia (At 16,14-40) e Cloé (1 Cor, 1,11).⁴ As ascensões de *status* muitas vezes não perduravam para sempre, mulheres e homens ricos sempre podiam perder suas fortunas. Senadores muitas vezes eram afastados de cargos, quando caíam na desgraça. Mulheres livres, que coabitavam com escravo, tornavam-se também escravas do dono, enfim, várias circunstâncias que a vida propunha poderiam fazer com que a mobilidade social não se tornasse histórias de sucesso.

Para Arens, a estruturação da sociedade greco-romana estava de forma piramidal; a aristocracia na cúpula da pirâmide; o proletariado na larga base.

A aristocracia perfazia a minoria da população na sociedade do Império Romano, o que em termos estatísticos significa em torno de dez por cento. Noventa por cento dos habitantes eram pobres, pessoas trabalhadoras, escravos e escravas. A aristocracia que constituía o império no final do séc. I d.C. se dividia em três ordens: *senatorial*, *eqüestre* e *decuriões*.

A ordem *senatorial* constituía a escala social romana mais alta, à qual pertenciam os senadores e os membros de suas famílias. O senado constituía-se com mais de seiscentos membros apoiados pelo imperador, e os senadores comportavam-se como membros que pertenciam desde sempre a famílias do mais alto gabarito social.

A ordem *eqüestre* compunha-se de pessoas que se dedicavam ao comércio em larga escala ou ocupavam postos administrativos. Eqüestre era título honorífico⁵, concedido pelo imperador. Muitos dos que pertenciam a essa ordem

⁴ Ver, Richter Reimer, 1995, p. 69-97.

⁵ Título que se dava aos ricos que iam à guerra montados a cavalo (ARENS, 1997, p. 53).

eram militares ou tinham servido no exército imperial. Por terem uma vasta experiência, ou até mesmo pela sua lealdade a Roma, eram fortes candidatos a ocupar postos administrativos no Império

Os decuriões eram os membros dos conselhos e da magistratura de uma cidade. Eram ricos e possuíam muitas honras por seu sucesso. O decúrio era título honorífico não hereditário, mas designava uma posição de liderança na cidade. Esse título poderia ser comprado por doações em favor da cidade. Eram os decuriões, juntamente aos outros membros da administração municipal, que decidiam questões financeiras, alimentícias, arquitetônicas, devendo-se a eles o esplendor de suas cidades. No Novo Testamento, temos decuriões que ocupavam cargos oficiais: Pôncio Pilatos, Félix e Festo, Qurinino e Galião (ARENS, 1999, p.54).

Arens (1997, p. 54) nos faz a seguinte observação:

“... os altos postos administrativos, assim como as altas esferas sociais, geralmente eram aliados de Roma em seus diversos aspectos legais, inclusive no aspecto religioso; assumia-se a religião oficial romana, além da pessoal, o que tornava pouco provável sua conversão ao cristianismo. Não estranha, pois, que durante os primeiros séculos tenham sido excepcionais as conversões de pessoas pertencentes a esse estrato”.

Pertencer à aristocracia significava ser rico. A arrogância, a soberba e a ostentação eram características de seus membros. Perder a fama era uma desgraça que podia muitas vezes levar ao suicídio. Há, portanto, indícios de que as comunidades cristãs não fizessem parte da aristocracia. Segundo Peter Lamper *apud* Wegner (1990, p.46), poderia se verificar a que classe social pertenciam os primeiros cristãos pelos lugares onde teriam residido. Em sua pesquisa, topograficamente, as fontes dão indício de que havia uma concentração de cristãos

em áreas suburbanas e que conseqüentemente o cristianismo foi nos seus princípios uma fé de subúrbios, só a partir do século III d.C. é que a fé galgou a riqueza da coroa.

Em Rm 16,1-16 encontramos pesquisadores que sugerem Priscila e Áquila como um casal de classe média, representando Áquila como um artesão bem sucedido. Wegner, entretanto, adverte-nos, se Priscila e Áquila eram tão bem sucedidos, porque teriam levado Paulo a passar tanta necessidade em Corinto (2 Cor 11, 9), visto que ele trabalhava junto com o casal (At 18, 2-3) ?

Entre os companheiros de Paulo citados em Rm 16 encontramos apenas dois cristãos com possíveis posses. Cranfield (1992, p. 351) nos afirma que parece provável que Aristóbulo seja neto de Herodes, o grande, e irmão de Agripa I, e, ao que parece, vivia em Roma como pessoa privada, sendo amigo do imperador Cláudio; ficando a família ligada à família imperial depois da morte do imperador; “Talvez houvesse cristãos entre os membros famigerados de Narciso, que fora favorito e influente do imperador Cláudio”. Abaixo da aristocracia encontra-se o proletariado, o qual era composto pela grande parte da população, que se formava pelos pobres camponeses, libertos e libertas, escravos e escravas.

1.3.1. Pobres e camponeses

Segundo Mattos (2002, p.101), os pobres eram todos aqueles que precisavam trabalhar para poder sobreviver. Nesta classe social estavam inseridos: os mestres, comerciantes, artesãos, médicos e outros. Eram autônomos e respeitados em sua cidade. “Essa classe social não era bem vista pela aristocracia, visto que trabalhar para eles seria perder o melhor dos prazeres que a vida podia

oferecer aos homens” (ARENS, 1997, p. 55) .

Stambaugh e Balch (1996, p. 102) nos informam que a maioria dos cristãos que são mencionados no Novo Testamento são pertencentes a este grupo social, a exemplo disso temos os tendeiros Áquila e Priscila (At 18, 2-3), Lídia comerciante de tecidos finos (At 16, 14-15) e outros.

Os pobres se subdividiam segundo Mattos (2002, p.101-2) em *penês* e os *ptôchos*. O *penês*, embora não fosse pobre no sentido do termo, era constituído de pessoas que para viver precisavam de trabalhar. Incluía-se nessa categoria a maioria das pessoas da cidade, como médicos, pastores etc. O *penês* possuía meios e recursos para sobreviver. Os *ptôchos* eram pessoas que para sobreviver tinham que mendigar. Não possuíam meios e nem recursos para trabalhar. Perfaziam o nível socioeconômico mais baixo da sociedade. Tratados como pessoas ociosas e mentirosas, eram consideradas por muitos a essência desonrada e desonesta, suportando assim o desprezo de toda sociedade.

Segundo Arens (1997, p. 134-5), independente das categorias de pobreza citada, no oriente eles não tinham os mesmos direitos civis que os ricos. Em Roma encontrava-se um grande número de pessoas pobres, apenas uma minoria encontrava-se com segurança mínima para sobreviver, não tendo que se preocupar com o amanhã dos familiares.

Os camponeses, assim como os pobres, formavam grande porcentagem do império romano, e com certeza da Ásia Menor, calculando mais de dois terços da população. Para possuir uma gleba de terra era necessário ser cidadão. Roma tinha força suficiente para desapropriar e transferir terras, pois considerava-se dona de todo Império. As condições econômicas dos camponeses eram duras e instáveis, indefesos pela situação climática, pagavam impostos, e, se eram arrendatários,

pagavam parte do seu cultivo ao senhor. Em geral, eram explorados pelos poderosos. Havia um ressentimento muito grande por parte dos camponeses com o homem da cidade, pois os camponeses eram vistos como alguém socialmente inferior. O bem estar cultural e econômico concentrava-se nas cidades não possibilitando quase nunca que camponeses ascendessem socialmente.

1.3.2. A escravidão no mundo greco-romano

Embora tenham muitos escritos sobre os escravos, esta classe social era, com certeza, a que mais sofria os preconceitos da época. Faz-se necessário destacar essa categoria social porque ela compunha a comunidade cristã em Roma. Como podemos verificar em Rm 16,1-16, por meio de pesquisa realizada pelos nomes, foi possível deduzir a condição social de cada pessoa mencionada. A condição dos escravos era dada inicialmente a toda pessoa que não possuía uma liberdade, cuja propriedade era de seu amo e senhor. A pessoa era escrava por ter nascido de mãe escrava, por ser feita prisioneira de guerra ou como pagamento de dívida.

Reimer e Richter Reimer (1999, p. 69-70) nos informam que camponeses, quando por algum motivo (pragas de gafanhotos, doenças etc.) não conseguiam êxito em suas plantações e não tendo como sobreviver, recorriam aos empréstimos. Na impossibilidade de saldar suas dívidas, acabavam por entregar membros de sua família para o pagamento da dívida, passando de pessoa livre para escrava, entrando em processo de dependência e subjugação.

Os escravos eram considerados propriedade de seus amos. Segundo a

legislação romana eles não tinham direitos legais, seu matrimônio não tinha valor legal, eram ao mesmo tempo pessoas e coisas (ARENS, 1997, p. 60-1). A escravidão era vista como parte da lei natural, tanto aos olhos dos escravos como da aristocracia.

Na Ásia Menor as condições de vida dos escravos eram bem melhores, pelos testemunhos que alguns escritores possuem é ingênuo pensar que nesta região os escravos eram objetos de abuso e espancamento. Arens diz que certamente os escravos eram tratados com consideração, tinham um mínimo de direitos: alimentação, vestes, matrimônio, um pouco de vida familiar e às vezes com consentimento do seu senhor possuíam poupanças e posses que lhes serviriam para comprar sua liberdade; podiam participar também de associações filosófico-religiosas ou artesanais. Sendo escravo da propriedade de seu dono, era contraproducente maltratar os escravos, pois sua capacidade de trabalho diminuiria.

Lohse (2000, p. 201) afirma que tinha um departamento onde os escravos podiam fazer queixas dos seus donos quando maltratados. Em Roma, os presos de guerras que, conseqüentemente, eram escravos, eram vendidos por um baixo preço. Por um preço baixo os ricos podiam comprar muitos escravos e serem pessoas notáveis na sociedade romana. O escravo era fonte de renda, pois continuava a aumentar pela procriação e os filhos eram também considerados escravos.

Entre os escravos havia pessoas cultas, mestres e filósofos, poetas e artistas. Por ganharem a confiança de seus donos, estes eram colocados em posições de confiança, como supervisores ou administradores e até mesmo encarregados da educação dos filhos da família, atuando assim como “pedagogos”. Os escravos que tinham formação grega eram muito bem cotados em Roma.

O matrimônio entre escrava e seu senhor não era considerado legal. Por

não serem donas de seu próprio corpo alguns senhores tinham as escravas como amantes.

Existiam escravos destinados aos serviços domésticos e os que eram destinados ao trabalho no campo. Durante o período romano na Ásia Menor não se tem evidência de escravos destinados à agricultura. Na agricultura trabalhavam os camponeses assalariados, gente livre.

No império romano, Roma era onde se concentrava a maior parte dos escravos, pois ali residiam pessoas muito ricas. Ter muitos escravos era como exteriorizar à sociedade que eram pessoas bem sucedidas.

A partir do séc I d.C., alguns senhores ofereciam educação a seus escravos, sobretudo se estes mostrassem alguma habilidade proveitosa. Ser um escravo educado significava fazer diferença no mercado. Arens (1997, p.65-9) afirma que não se sabe até que ponto tudo isso era certo na Ásia Menor, mas se sabe que a vida dos escravos era bem mais humana do que se costuma imaginar, ao ponto de famílias pobres abandonarem seus filhos com esperança de serem recolhidos como escravos.

Por intermédio da condição social de escravos encontramos os libertos. A liberdade era obtida por um gesto de gratidão do senhor ou pela compra de sua liberdade. A libertação de um escravo era uma declaração feita pelo seu senhor perante o magistrado. Ser liberto era o sonho de todo escravo. Movido por esse desejo, dedicava-se aos serviços, era às vezes poupador, guardando seu dinheiro, fruto dos trabalhos extras concedidos, por seu senhor.

Lohse (2000, p. 202) afirma que a doutrina estóica, por defender que todos os homens eram criatura da natureza, via os escravos como homens que

deviam ser tratados com dignidade. Como afirma Arens (1997, p. 62):

“Essa visão assemelha-se em boa medida ao modo de entender a escravidão por parte dos cristãos, por exemplo, de Paulo toda via, ninguém advogou sua boa lição. Os escravos eram considerados em pé de igualdade com os não – escravos em associações (*Thisioi, Collegia*), especialmente nas de caráter religioso, entre as quais se contava cristianismo”.

Segundo Reimer e Richter Reimer (1999, p. 69), embora tivéssemos leis acerca de uma libertação de pessoas escravas, existiam mecanismos sociais que sustentavam a escravidão, exemplo disso se tem na escravidão contraída por dívidas, que por vez fazia parte do sistema regulador da economia. Homens livres acabavam em uma servidão forçada, visto que a forma predominante na sociedade era de dominantes se apropriarem, sob a forma de tributos, de uma parte da produção agrícola produzida por camponeses livres e proprietários. Com os pobres endividados, não podendo pagar a dívida, o credor passa a ter direito sobre a pessoa e sua produção de terra que lhe foi tomada, com isso fortificavam-se as relações de poder existentes, não acabando com a escravidão.

Nos primeiros séculos, o número de libertos cresceu rapidamente. As autoridades romanas emitiram uma série de leis quanto à libertação de escravos. Essa era determinada por percentagem. A libertação podia ser absoluta ou condicional. Quando condicional, o escravo ficava de alguma maneira a serviço de seu senhor.

O escravo, mesmo sendo liberto, ficava evidenciado pelo seu nome que já tinha sido escravo. O seu primeiro nome era de seu ex-senhor, seguido pela indicação de um liberto a sigla “L” e por último o seu nome. Como libertos, podiam

ser incorporados na cidadania local, mas não tinham decreto da cidadania romana. Alguns libertos conseguiam fortunas, chegando até mesmo a fazer parte da aristocracia, assinando postos de administração, como juízes, magistrados etc. (ARENS, 1997, p. 73). Não tendo todos os libertos a mesma sorte, alguns continuavam trabalhando para seus donos.

Como vimos, uma das características socioeconômicas do Império Romano era o sistema escravagista. Queremos, agora observar algumas características em nível econômico-cultural.

Segundo Stambuaugh e Balch (1996, p. 67-70), a base da economia nas cidades romanas era a agricultura. Os fazendeiros e pecuaristas vinham para as vilas e cidades para vender seus produtos. Havia edifícios públicos que abrigavam esse tipo de comércio.

As terras públicas eram fontes de rendimento financeiro para as cidades do Império Romano. Costumavam construir praças públicas de mercado e cobrar dos comerciantes as instalações ocupadas por eles. As cidades coletavam as taxas e passavam para as autoridades romanas. As taxas representavam as obrigações para com o Estado, sendo pagas por todas as pessoas, cidadãos romanos, estrangeiros ou peregrinos.

A taxa fixada em 13,7 poderia estar nos levando a supor que entre os cristãos havia comerciantes (WEGNER, 1990, p. 48).

Em geral, pode-se dizer que em Roma existiam dois tipos de impostos importantes: *tributum soli* e *tributum capitis*. O *tributum soli* era o imposto cobrado com taxas fixas sobre terras, casas, escravos e navios. O *tributum capitis* era cobrado por pessoas, adultos, entre as idades de doze ou catorze e sessenta e cinco anos. Para calcular a soma desse imposto, fazia-se o recenseamento, como

aquele referido por Lucas (2,1ss).

Arens (1995, p. 120-1) afirma que Roma, depois da destruição de Jerusalém, decretou aos judeus que deviam pagar impostos de dois denários anuais por cabeça. Os impostos não eram proporcionais e nem eram pagos por todos. Os ricos não declaravam todas as suas propriedades; em consequência disso não pagavam todos os impostos; na verdade, quem mais pagava era o pobre. Wegner (1990, p. 48) diz que o imposto de 13,7 nos revela que alguns cristãos não possuíam cidadania romana; portanto, estavam excluídos de uma série de direitos e privilégios.

A informação que Rm 16 nos dá é a de que a percentagem de peregrinos nas comunidades da capital parece grande. O próprio conteúdo da carta nos informa que Áquila, Epeneto, Andrônico e Júnia eram imigrantes. Temos também a probabilidade de serem imigrantes Herodião, Apeles, Estáquis, Pérside, Asíncrito, Flegonte, Hermas, Olimpas, Pátrobas e Filólogo, pois estes nomes não se encontravam representados em fontes relacionadas com Roma na época.

Os coletadores de impostos atendiam pelo nome de *publicanim*. Esses coletadores muitas vezes agiam de má fé com as pessoas, exigindo uma taxa alta e ficando com a diferença. Essa profissão era detestada por muitos e trazia para Roma muitas tensões e conflitos.

A exploração dos trabalhadores era algo visível, embora não fosse sentido, pois qualquer pessoa que tinha uma fonte de renda se sentia feliz. Nessa época não se tinha um salário mínimo. Um diarista costumava ganhar quatro sestércios diários. Entre os cargos públicos, os salários eram bastante desproporcionais, um centurião tinha um ganho de vinte a sessenta mil sestércios e os soldados ganhavam apenas novecentos sestércios anuais.

Stambaugh e Balch (1996, p. 55-6) dizem que os romanos usavam a

política da boa vizinhança, onde cultivavam uma boa relação entre os vizinhos pobres e os aristocratas, pois esse laço de amizade proporcionava um favorecimento, como: hospedagem em viagens, empréstimos em caso de necessidade e apoio político. Essas relações entre superiores e inferiores caracterizavam as relações entre 'patrono' e 'cliente'. O patrono era o influente que dava proteção e apoio ao cliente, que por sua vez dele dependia. Não se tornava patrono apenas de pessoas, cidades e reinos inteiros se tornavam clientes. Entre patrono e cliente existiam favores. Os superiores sociais davam a seus inferiores alimento ou dinheiro; os patronos municipais davam edifícios e doações às cidades, os príncipes davam templos aos reinos. Não havia por parte do patrono retorno monetário, mas uma expectativa em torno de prestígio ou apoio militar.

As cartas paulinas dão muitos exemplos da importância da hospitalidade entre os cristãos. Em Rm 16,1-3, Paulo solicita a hospitalidade à portadora da Carta, Febe, diácona da cidade de Cencréia, designada por ele aquela que se tornou protetora (patrona) de muitos.

Meeks (1997, p. 105-7) diz que, na lista de virtudes dos cristãos, a hospitalidade ocupava um lugar proeminente. Corinto era uma igreja elogiada pela fé e hospitalidade. A hospitalidade tinha como símbolo lembrar aos cristãos que eles eram como estrangeiros no mundo.

Se reportarmos à sociedade de Roma nos primeiros séculos, estaremos percebendo que o sistema de dominação romana era mantido em todos os setores de relacionamento por uma estrutura hierárquico-patriarcal de dominação (MATTOS, 2002, p. 109-13). Como afirma Richter Reimer (2000, p. 30):

“...trata-se dos limites existentes e impostos, mais uma vez ideologicamente legitimados, entre:

peças livres e escravos,

nações e raças,

homens e mulheres,

adultos e crianças. Esta divisão horizontal não relativiza a vertical. Torna-se um sustentáculo daquela. A casa romana, por exemplo, com sua hierarquia de poder exercício pelo *pater* famílias sobre mulher, escravos e filhos, servia como célula – base para o modelo político de dominação. Firmando-se a casa patriarcal, perpetuava-se o sistema”.

1.3.3. Mulheres na sociedade romana

Nesse contexto patriarcal, as mulheres ocupavam uma posição inferior. Tanto pelo lado econômico como sociocultural, ela estava sempre subordinada ao homem. A mulher era considerada propriedade do marido, a quem considerava como seu dono e senhor. Sua realização pessoal, como também a maneira que devesse se comportar, deveria ser determinada pelos homens. Ideologicamente caberia à mulher apenas ocupar-se da esfera privada, onde estava subordinada ao homem, assim como os homens cidadãos deveriam submeter-se às leis ao que davam sustentação ao império romano.

Conforme Aristóteles, as famílias constituíam as vilas que conseqüentemente constituem o Estado. A forma de governo era igual à hierarquia familiar, em que o marido exerce o governo sobre a esposa, os filhos e escravos, como diz Fiorenza (1992, p. 297):

“O bem-estar do Estado e a observância religiosa das leis e costumes da família patriarcal estão interligados. Os escravos e as esposas, que não veneram os deuses do *pater* famílias, violam não só seus deveres familiares, mas também as leis do Estado”.

O cristianismo era considerado destruidor das famílias, pois a conversão de mulheres, escravos e jovens constituía ofensa à ordem patriarcal e à ordem política da época. Sempre que os escravos ou as esposas se convertiam ao culto de Isis ou ao cristianismo, a ordem da família e da política do Estado viam-se ameaçadas, pois tanto o culto à Isis como a comunidade cristã pregavam uma igualdade entre varões e mulheres.

A posição social ocupada pela mulher dependia de seu nascimento, e com o matrimônio ela se situava de acordo com a posição social ocupada pelo marido. Em geral as mulheres se casavam entre doze e vinte anos, os homens antes dos trinta. Casar-se era natural na vida das mulheres e dos homens; o celibato era visto com certo desprezo.

Nas camadas sociais inferiores, no entanto, era comum as mulheres trabalharem. Homens e mulheres que não eram cidadãos, tinham seu casamento não amparado legalmente, dando aos filhos a mesma condição.

No Novo Testamento temos algumas mulheres que se destacavam como sendo trabalhadoras: Cloé (1 Cor 1,11), Lídia, que se destacava no comércio de púrpura (At 16,14), e Priscila (Rm, 16), artesã.

Embora se vivesse um processo de hierarquização patriarcal, a história de At 18,14; 15,40 nos revela que mulheres eram protagonistas no mundo em que viviam. Lídia era uma mulher trabalhadora que também trabalhou em prol do evangelho, segundo Richter Reimer (1995, p. 70-9), sua história nos traz revelações significativas, pois esta se encontrava com outras mulheres na sinagoga para realizarem o culto sabático. É a primeira pessoa com quem Paulo tem contato na Macedônia.

Lídia era considerada por Paulo como missionária. Paulo, ao passar por

uma colônia romana, sai em busca de uma sinagoga que, por sua vez, era construída fora da cidade para não criar atritos com os costumes romanos. É nesse local que Paulo e Silas encontram-se com um grupo de mulheres. Nessa reunião estavam Lídia e outras mulheres para a celebração.

Ao reconstruir a história oficial de Lídia, percebemos que a caracterizavam como *porfiropolis*, embora o Novo Testamento mencione apenas Lídia com este tipo de trabalho, ela não é uma exceção em sua época. Richter Reimer (1989, p. 36-48) diz que *porfiropolis* e é um termo grego, mas seu correspondente latino é *purpuraria / us*, por meio de inscrições pode-se constatar alguns aspectos relevantes na produção de púrpura; “porfira púrpura” pode ser tanto a cor ou um produto tingido com a cor; a púrpura era extraída tanto do mar (caranguejo) quanto da terra (vegetais). Sem dúvida, a púrpura extraída do mar era a original e de melhor qualidade. A extraída do vegetal era classificada como a de menor qualidade e mais barata.

Lídia, oriunda de Tiatira, cidade cuja especificidade era a produção têxtil, era ligada com as tintureiras. As tinturarias obtinham suas cores, a cor púrpura, de vegetais, certamente extraída de uma planta chamada *rubia*, que podia ser aproveitada nos processos de tinturaria e quando curtida possuía qualidades medicinais.

O processo de extração da cor púrpura era árduo e desagradável. A matéria prima era triturada, salgada e depois cozida. Depois de misturada a uma substância chamada medicamenta, era misturada com urina, servindo para fixar a cor. Passava por um processo de fermentação e depois era acrescida a esta massa a lã para o tingimento. Para que o tecido ficasse firme e brilhoso era necessário algum tempo em exposição ao sol. Todo esse processo causava um odor forte,

quem se ocupava deste trabalho era considerada uma pessoa que executava um trabalho impuro.

Embora Lídia exercesse uma profissão indigna, suja, desprezada por pessoas romanas da classe alta, foi ela uma das mulheres que construiu história no Novo Testamento.

Gillman (1998, 43-4) diz que, assim como Lídia, tivemos Cloé que era chefe de família, juntas, sugeriram um novo tipo de mulher pertencente à igreja de Paulo. Chefes de família trabalhavam muito e com isso lideravam e desempenhavam funções de decisões. Uma outra pessoa, como elas, que encontramos em destaque em Rm 16, 3 é Priscila.

Segundo Richter Reimer (1995, p.92-3), a exegese tradicional interpreta Priscila e Áquila como donos de uma fábrica, considerando-os, portanto, como empresários. Além disso, há exegetas em sua interpretação, reduzem o plural “trabalhavam” apenas a Áquila e Paulo, excluindo, portanto, Priscila deste trabalho. A autora nos afirma que existe um livro de arqueologia talmúdica que menciona o nome de Priscila como uma mulher que se ocupava no trabalho de fazer tendas. Os exegetas cristãos, que têm dificuldade em aceitar este trabalho de Priscila, tratam da questão com olhares preconceituosos, pois, na concepção burguesa patriarcal, mulheres não fazem esse tipo de trabalho. Era considerado um trabalho pesado, portanto, trabalho tipicamente de homem. Mas também podemos achar em documentos históricos que mulheres realizavam trabalhos pesados, mulheres artesãs que trabalhavam com metal, ferro e couro. Fazer tendas exigia também habilidade feminina. Como, por exemplos, ao se construir uma tenda tinha-se como matéria-prima couro, que precisava ser cortado e costurado. Pressupõe-se que esse tipo de trabalho não era típico de homens, afirma Richter Reimer.

É importante observar que a própria Bíblia, em algumas traduções, acaba por eliminar a presença de Priscila na fabricação de tendas, que garantia a sobrevivência do casal. Em At 18, 3, na versão mais antiga, diz-se que Paulo depois de ter entrado na casa de Priscila e Áquila, “e por terem a mesma profissão, permanece com eles e trabalhavam, pois, profissionalmente, faziam tendas”. Versões recentes dizem que ele (Paulo) trabalhava, podendo ser empregado do casal.

É fundamental tecer reflexões sobre o tempo do verbo ‘trabalhavam’, pois existem exegetas que tentam excluir Priscila da história, diminuindo o valor do trabalho feminino.

1.4. Aspecto Cultural do Império Romano

Para Arens (1996, p. 46-7), nas cidades da Ásia Menor, por serem predominantemente helênicas, a cultura era uma mistura da cultura popular grega com a cultura indígena. Os romanos, portanto, respeitavam as culturas de outros povos, suas estruturas sociais e administrativas, supervisionando apenas a ordem da cidade, sobretudo o pagamento de impostos, não podendo assim projetar as características da sociedade romana tipificadas em Roma.

Ao se falar da cultura predominante no império romano, tem-se a impressão de que os romanos impuseram aos territórios submetidos a sua cultura. Mas o que nos conta a história é que Roma possuía uma cultura bastante diversificada. O idioma de grande influência foi o grego. No séc. III d.C. o latim estava desaparecendo. Para permitir que as cidades vivessem uma vida normal, Roma se propõe a respeitar as individualidades, o idioma, a religião e a cultura dos

povos subjugados. Sua exigência era quanto às expressões de submissão, como ao culto imperial e aos aspectos administrativos, especialmente os tributários (ARENS, 1997, p. 123-6). Os romanos tinham consciência da superioridade cultural da Grécia, aprendiam a língua dos gregos, liam suas literaturas, tentando imitar sua arte poética (LOHSE, 2000, p. 199).

Roma poderia considerar-se privilegiada por possuir em seu território grandes artistas gregos, os quais, por sua vez, chegaram como escravos e eram admirados pelo seu nível cultural e artístico.

Stambaugh e Balch (1996, p. 98) dizem que algumas cidades exibiam suas riquezas, construía colunatas que iam até ruas principais. Os maiores monumentos eram o templo de divindade padroeira e o palácio do governante. Capelas e templos se achavam por toda parte, colunatas abrigavam comerciantes. Possuíam no centro lareira sagrada e lugares de honra eram ocupados por estátuas de deuses heróis.

Segundo Lohse (2000, p. 198), cada cidade do império procurava se destacar por meio de obras públicas, formava suas praças livres, criava teatro e praças esportivas. Em Roma a população corria ao grande anfiteatro, o Coliseu, para assistir às lutas de gladiadores.

Os vários contatos entre os povos e a influência de várias culturas no império romano fizeram nascer no império o que alguns historiadores chamavam de sincretismo. O sincretismo pode ser um fenômeno cultural de forma bastante geral, contendo idéias e costumes de vários grupos sociais, ou podia ser especificamente religioso.

O sincretismo religioso tinha como tendência dar atributos de outros deuses a uma determinada divindade. Exemplo disso temos Ísis, que incorporara

para si as qualidades divinas de Afrodite, Deméter e Atenas, assumindo, assim, uma divindade inclusiva. Portanto, o sincretismo fazia com que as pessoas partilhassem de uma cultura bastante vasta, possuindo o sentimento de que o mundo todo era controlado por poderes divinos e que a sua manifestação era feita de várias formas.

Nas cidades greco-romanas, as pessoas se organizavam de muitas formas para fins religioso-culturais e sociais: sacrifícios aos deuses, refeições ocasionais, festas de bebidas etc. Esses grupos organizados eram chamados de *Collegia*⁶.

Os *Collegia* compunham-se de vários profissionais (negociantes, transportadores, donos de armazéns, pedreiros, carpinteiros, artesãos etc.). Às vezes tinham dinheiro e influência, mas não exerciam pressão política ou econômica. Os *collegia* serviam tanto para representar interesses profissionais quanto para preservar a identidade cultural e celebrar a fé.

Muitas associações se reuniam para fins religiosos, eram compostas de sete a mais ou menos cinqüenta membros e tinham propósito socioeconômico. A igreja doméstica cristã era uma associação, mas lutava contra a dominação masculina, buscando uma igualdade entre todos.

Mulheres se juntavam a clubes e tornavam-se fundadoras e patronas de associações. Davam fundos e esperavam reconhecimento público. Embora o rico convertido ao cristianismo esperasse ter influência de patrono nesse clube, a ele não era dada nenhuma honra, mas fornecia-se uma estrutura de patrono-cliente. Podemos assim estar concluindo que Febe tinha agido como protetora da comunidade de indivíduos cristãos, facilitando assim suas vidas na sociedade greco-romana.

⁶ Maiores detalhes sobre *Collegia* veja Richter Reimer, 1995, p. 75.

1.5. Aspectos Religiosos

Stambaugh e Balch (1996, p. 116-9) dizem que o culto aos deuses oficiais permeava a vida social das cidades gregas e romanas. Embora os romanos fossem menos antropomórficos, estavam sempre buscando algo em que operava o divino. Desde a pedra que demarcava as terras do proprietário até a ferrugem que surgia para estragar uma plantação, tudo, para eles, estava imbuído de força divina. Alguns deuses provinham da mitologia grega: Zeus grego Júpiter romano era identificado como: Juno com Hera, Minerva com Atena, Vulcano com Hefesto. Além disso, os ritos e as preces feitos pelos sacerdotes oficiais do Estado romano não eram deixados de lado.

A característica do culto a esses deuses era o sacrifício, prática já usada no altar do templo judaico de Jerusalém (STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 118). A oferta dada aos deuses era bastante variada: touro, cabeça de porco, pássaro, bolo, até o incenso. Ao ofertar uma vítima, rituais eram feitos, as partes não comestíveis eram consumidas pelo fogo. Aquelas comestíveis eram servidas em banquetes, e as sobras dadas aos açougues. Comer carne ofertada aos ídolos se tornava problema para os cristãos que eram monoteístas e desaprovavam essa prática (STAMBAUGH; BALCH 1996, p. 118).

Os sacrifícios eram acompanhados por preces; no fim dessas preces sempre estavam pedindo algo em troca para a divindade. Se fosse atendido, o pedinte era obrigado a dar tudo o que prometera; essa oferta podia ser da mais simples, como uma oferta de sacrifício ou como uma construção de um novo templo. As preces dos oficiais dos magistrados eram feitas por escrito, caso fizessem algo

de modo incorreto, a prece poderia ser anulada.

Os indivíduos, em adorações a esses deuses, possuíam formas pessoais de expressar sua devoção. Paravam às vezes nos templos, davam-lhe uma pequena oferta, faziam uma prece rápida, saudavam as estátuas tocando os dedos nos próprios lábios e estendo-os depois rumo a elas; enfim, suas manifestações em adoração a esses deuses estavam impregnadas em vários gestos no cotidiano dos romanos, como afirma Stambaugh e Balch (1996, p.119):

“Essas expressões culturais da piedade politeística tradicional eram inevitáveis no normal mundo cultural das cidades nos séc. I e II d.C. Tão comuns como as estátuas de deuses eram as pinturas de cenas mitológicas, os nichos nas esquinas das ruas, a fragrâncias de incenso, o cheiro de carne queimada vindo dos altares dos templos”.

No meio dos deuses tradicionais, o culto ao imperador era uma prática existente nos primeiros séculos, cuja finalidade era política e social. Social porque envolvia libertos ricos com responsabilidade nas administrações do culto; política porque acentuava a lealdade ao império. Depois de sua morte, Augusto declarou César como deus, erguendo templo e altar em sua honra, tornando traço aceito da vida pública (STAMBAUGH; BALCH, 1996, p.19-20).

Wengst (1991, p.75) diz que o imperador representava todo o império, baseando o bem comum na sua integridade, caso não houvesse a participação das pessoas nos atos rituais consagrando o imperador, levantava-se a suspeita de deslealdade política. Portanto, quando Plínio, como governador, interroga os cristãos sobre sua fé, ele estava exatamente examinando a lealdade política para com o imperador romano. Torna-se claro que aquele que se confessava cristão era considerado culpado de deslealdade, portanto, ser cristão significava este delito político.

A devoção ao imperador poderia ser demonstrada sacrificando um touro ou oferecendo incenso. Tratava-se de um ritual público, realizado por magistrados ou sacerdotes. Augusto criou uma *Collegia* que era o Augustales, para desenvolver o culto. Esses Augustales eram compostos por libertos notáveis; eram escolhidos a cada ano para algumas atividades e podiam conseguir dignidade e reconhecimento, conferindo-lhes tarefas importantes na vida pública.

A exaltação do imperador era um gesto sobre-humano, sua exaltação aparece no servilismo e de forma religiosa também é glorificado. Segundo Aristide *apud* Wengst (1991, p.73), “os altos representantes de Roma poderiam ficar imóveis quando ouvem o dominador, mas levantam-se, louvam-no e veneram-no e rezam duas orações, uma aos deuses pelo imperador e outra ao próprio imperador pelo seu bem estar”. O bem estar geral está vinculado à saúde do imperador.

Segundo Mattos (2002, p.114-8), as formas religiosas mais comuns no mundo greco-romano durante o séc. I d.C. eram as das religiões de mistério. Algumas dessas religiões eram importadas do Egito, Oriente, Ásia e outras nativas da Grécia. A religião de mistério mais famosa era o mistério de Eleusis. Essa religião centrava-se em Deméter. As pessoas admitidas nesse culto eram quaisquer pessoas que falassem grego, podendo ser homens, mulheres, escravos e escravas. O culto a Ísis e Osíris era também tolerado pelo Império Romano, desde que não interferisse na adoração ao poderoso imperador. O culto a Cibele, deusa da fertilidade, era praticado pelos frígios. De origem trácia, um culto bastante popular entre as mulheres era o de Dionísio.

Stambaugh e Balch (1996, p. 125-6) nos revelam que Mitras era a única religião de mistério que se restringia a homens. Em sua mitologia, esse culto enfatizava a oposição entre o bem e o mal. Suas reuniões possuíam preces e nas

reuniões periódicas mais formais havia refeições culturais de pão e vinho. Para ser um iniciado, passava-se por algumas provações: exposição a calor ou frio, marca de fogo, jejum e flagelação. Era um culto muito popular no meio dos soldados do Império Romano.

Como parte do mundo religioso que compunha Roma, é importante estar ressaltando aqui a religião judaica. Arens (1997, p. 157-87) afirma que uma boa percentagem das comunidades cristãs que encontramos descritas no Novo Testamento tinham sido de judeus ou gentios. Os judeus mostravam-se um povo diferenciado do resto do mundo, não apenas por sua origem étnica, mas pela sua fé num único Deus. Segundo Flávio Josefo, *apud* Arens (1997, p. 171), houve muitas conversões em Damasco, as mulheres todas se converteram à fé judaica. Também em Roma havia muitas comunidades judaicas.

Para ser judeu era preciso seguir um período de instruções, ser batizado e, no caso de homens, circuncidado. Assim, deveriam se desprender de seu passado, seus costumes e vínculos com sua experiência religiosa anterior. Renunciavam à veneração de outras divindades para incorporar-se à comunidade judaica.

Em Roma, a comunidade judaica era numerosa e poderosa. Foram-lhes outorgados alguns privilégios como: culto a um só Deus, direito de ter sinagogas, o repouso do sábado, a celebração de suas festas, fazer coleta para o templo e a dispensa do serviço militar. Cercados de privilégios, ocasionou-se, aos olhos de muitos, um certo desprezo em certas cidades do Império (ARENS, 1997, p. 186).

Os adeptos ao cristianismo eram mais as pessoas empobrecidas nos centros urbanos. Já cedo, o evangelho de Jesus Cristo passa a ser divulgado a pessoas de todas as nações. Inicialmente em Roma, a Igreja Cristã foi aceita porque

parecia uma forma de judaísmo. Mas com a prática de se adorar o imperador, que não era aceita pelos cristãos, a Igreja Cristã passa a ser ilícita, muitos de seus adeptos, então, sofrem perseguições por prosseguirem na sua fé (MATTOS, 2002. p. 114-5).

Não se sabe com exatidão como o cristianismo chegou até Roma. Segundo Wegner (1990, p. 43-4), a própria Carta aos Romanos nos fornece algumas informações. Uma das primeiras hipóteses é que o cristianismo teria chegado a Roma depois da morte de Jesus; outra hipótese é a informação transmitida pelo escritor romano Suetônio, que seria pela própria pregação de Jesus Cristo entre os judeus. Têm-se informações de que Estevão seria um canal condutor do evangelho, visto que, por ter tecido críticas à lei e ao templo, foi perseguido, tendo que sair da Palestina. Acredita-se também que a evangelização em Roma tenha sido de forma lenta e gradual, realizada por pessoas que por algum motivo tiveram que ir até Roma.

Fiorenza (1992, p.195-6) diz que Barnabé foi, até mais que Paulo, o proeminente líder nos primórdios do movimento missionário Cristão. Não se sabe muito sobre os seus ensinamentos e também sobre a origem do cristianismo em Roma, mas sabe-se, pela própria carta de Paulo aos romanos, que ele não foi fundador da comunidade em Roma. Tem-se uma hipótese de que Banabé teria trazido o evangelho a Roma, mas é provável que foram membros de sua igreja na antiguidade que teriam evangelizado a capital.

Stambaugh e Balch (1996, p.149) afirmam que, quando Paulo chegou a Roma, pode ter encontrado uma população judaica, com grupos de cristãos em sinagogas, como em igrejas domésticas distintas. Há também uma tradição persistente a qual afirma que Pedro também esteve em Roma. Mas não

encontramos nem em Atos e nem em Romanos esta afirmação.

Richter Reimer destaca um teólogo anônimo do século IV que escreveu um comentário à carta de Paulo e às comunidades judaico-cristãs em Roma, ressalta três elementos importantes:

Por meio de fontes literárias e inscrições se tem registro de onze sinagogas em Roma, e registros demográficos contam que havia 40.000 a 60.000 pessoas judias em Roma em torno do ano 50. Vários caminhos levam à capital do império, inclusive Via Áppia, onde se tem informações de que mulheres e homens testemunhavam o Evangelho de Jesus. Todavia, os primeiros contatos que se tinham eram com as pessoas e as comunidades judaicas. Junto com a comunidade judaica havia um grande número de pessoas prosélitas, tementes e adoradoras a Deus.

A fé judaico-cristã chegou a Roma certamente antes do ano 49, por mulheres e homens que, pelas suas profissões, ou até mesmo como mensageiros, circulavam pelo império. Como mensageiras temos, como exemplo, Feber, Priscila, Áquila, fundadores de comunidades. No ano de 49, pelo incidente político em Roma, o edito descrito assinado pelo imperador Cláudio expulsaria Áquila e Priscila de Roma. Por causa desse incidente a dinâmica missionária sofreu conseqüências. É provável que as organizações religiosas que se reuniam em templos, sinagogas ou em *collegia* tinham adotado a forma de se reunirem em casas.

A organização das comunidades era descentralizada, Rm 16,1-15 nos dá a impressão de que não havia só uma igreja, havia várias casas de lideranças em Roma. Nessas igrejas não havia uma estrutura hierárquico-patriarcal. Homens e mulheres adotavam o princípio da co-participação, lideravam e trabalhavam juntos. (AMBROSIASTRO *apud* RICHTER REIMER, 2003, p.1083-5).

As pessoas cristãs vinham para Roma de todas as partes do império, portanto, em alguma parte de Roma havia adeptos praticando toda variedade de fé cristã, tornando difícil para as congregações individuais sentirem-se unidas.

Segundo Comby e Lemonon (1987, p. 46-7), diz-se que durante muito tempo o cristianismo foi visto pelos altos funcionários romanos como um grupo de judeus; apenas no começo do séc. II é que encontramos testemunhos de cristãos.

Plínio, o jovem, com suas inúmeras correspondências com os amigos e o Imperador, pode-nos fornecer informações sobre a sociedade romana no começo do séc. II. O livro 10^o das *Cartas* é uma correspondência entre ele, procônsul e governador da Betínia e o imperador. Nesse documento existem duas cartas que merecem atenção, porque constituem testemunhos de pagãos mais antigos sobre Cristo e os cristãos. Segundo Plínio *apud* Richter Reimer (2000, p. 63): “há uma multidão de todas as idades, de todas as condições, e dos dois sexos que estão ou serão colocadas em perigo”.

Plínio, ao se ver diante dos cristãos, aconselha-se com o imperador se foi certo o seu modo de agir. Diante dos cristãos, Plínio, com ameaças de tortura, perguntava às pessoas se eram cristãos, alguns não negavam e eram executados. Aqueles que negavam a sua fé deveriam adorar imagens, invocar os deuses do império e blasfemar contra o Cristo.

Mattos (2002, p. 114-5) afirma que até o final do séc. I d.C. havia discípulos e discípulas em todo Império Romano.

Valendo-se do que foi visto é importante perceber o contexto histórico onde se passou a história das mulheres. Nesse capítulo foram caracterizadas as realidades políticas, econômicas e religiosa. Esses aspectos, porém, afetaram as mulheres e os homens cristãos. Pois, num contexto onde o domínio percorria as

relações de poder entre as famílias, em que a manutenção do sistema romano colocava a família como célula-base, mulheres buscavam responsabilidades e participação na vida social.

Mulheres que eram politicamente e socialmente marginalizadas no contexto religioso desenvolviam liderança. Como a própria história nos relata, eram elas pobres, muitas vezes escravas, mas estavam sujeitas às “inquisições” romanas, podendo elas serem torturadas até a morte. Mas foi exatamente neste contexto que nascem mulheres protagonistas, como exemplo podemos constatar em Rm 16,1- 16 os trabalhos de Priscila, Júnias, Febe e outras.

CAPÍTULO II

MINISTÉRIO DE MULHERES A PARTIR DE Rm 16,1-16

Segundo Richter Reimer (2000, p.15-20), a literatura bíblica nos apresenta uma grande variedade de histórias de vidas. Elas estão permeadas por experiências religiosas, culturais e sociais. Do ponto de vista histórico, é muito importante perceber essas histórias muitas vezes silenciadas, pois elas permitem perceber como mulheres, homens e crianças foram construindo uma vida dentro de seus distintos contextos.

Neste capítulo, estaremos analisando alguns aspectos das origens do movimento judaico-cristão, no qual ressaltaremos as funções que as mulheres ocupavam. Serão observadas as diferenças particulares de cultura e etnia, dentro de um sistema de poder que se estendia sobre todo o mundo daquele tempo.⁷ (RICHTER REIMER, 2000, p. 61-2).

Embora tenhamos consciência de que, na origem do movimento judaico cristão, o sistema de dominação romana esteve impregnado em todos os setores do relacionamento humano, podemos encontrar textos bíblicos que nos evidenciam

⁷ Sobre as relações de poder, veja Richter Reimer, 2000, p. 61-2, também a este respeito ver Fiorenza, 1992, p. 209-15.

formas de organização que buscavam construir relações mais igualitárias, em resistência àquele sistema de dominação. Exemplo disso temos também em Romanos 16,1-15.

2.1. Origem da Carta aos Romanos

Paulo escreve à comunidade em Roma quando ainda se encontrava em Corinto, o que ocorreu por volta do ano 55/57 d.C. Paulo nunca tinha ido a Roma, mas conhecia muita gente naquela comunidade, como percebemos em Rm. 16,1-16.

Segundo a publicação da CRB (1995, p.271-2), provavelmente Paulo, ao escrever esta carta, tentava preparar o caminho para sua chegada, pois objetivava que Roma fosse a cidade pela qual passaria em seu caminho. Paulo temia não ser bem recebido, pois comentários eram tecidos a seu respeito.

Paulo, portanto, querendo livrar-se de todas as acusações feitas a seu respeito, procurou sintetizar por escrito seu pensamento teológico. A primeira parte da carta escrita aos romanos possui um conteúdo que também serve às demais comunidades. Em Gálatas, por exemplo, teve problema com os cristãos vindos do judaísmo, por isso retoma seu conteúdo com maior detalhe ao escrever à comunidade em Roma. “O conteúdo da carta aos romanos é a doutrina contida na Carta aos Gálatas de uma forma corrigida, ampliada e melhorada” (CRB, 1995, p. 272).

Não se tem dados precisos da origem desta carta. Sabe-se com certeza que Paulo escreve a uma Igreja que não foi fundada por ele, e que este foi

provavelmente o seu último escrito.⁸ Entre os exegetas, não se encontra dúvidas quanto à autenticidade desta carta, sendo que todos afirmam que Paulo foi seu autor. É uma carta longa, onde Paulo faz, segundo a CRB (1995, p. 271) “uma síntese do seu pensamento teológico e uma grande reflexão doutrinária, reconhecido como o primeiro dos teólogos cristãos”.

2.2. Texto Original⁹

Vivemos hoje cercados de várias interpretações e traduções da Bíblia. Faz-se necessário estar trabalhando com um texto original, visto que, com o passar dos anos e até mesmo pelas várias traduções existentes, se foi perdendo o significado original das palavras, trazendo para dentro das igrejas algumas dificuldades em se tratando de interpretações. Verificar o verdadeiro sentido e significado de cada palavra, de cada verbo na língua original, é importante e necessário para que possamos contextualizar e analisar os valores, os costumes, a cultura observáveis em cada texto na época em que foram escritos.

⁸ Segundo Pilch (1999, p. 191) Rm 16 é um capítulo que através da história tem dado origem a dúvida. Não são muitos que duvidam de que Paulo escreveu realmente estes versículos, mas o que realmente é motivo de dúvida é se estes foram escritos para os romanos? Paulo faz saudações pessoais a um número de pessoas que não são conhecidas em uma Igreja que ele não fundou. Alguns desses nomes são conhecidos no contexto da Igreja de Éfeso, o que sugere que Paulo escreveu essa Carta para apresentar Febe em Éfeso. Entretanto os biblistas atuais aceitam Rm. 16, 1-23 como parte integrante e original da Carta de Paulo aos romanos. Veja também Terra, 2000, p. 63-4; também Fabris, 1996. P. 86-7.

⁹ Texto em Grego de Nestlé-Aland, 2001, p. 438-9.

Act 18,27 | Ph 1,11 · Act 18,18 | 1 K 6,11 | Act 18,21 | Act 15,26 | 1 K 16,19 | Kol 4,15 | Phm 2

16 Συνίστημι ^οδὲ ὑμῖν Φοίβην τὴν ἀδελφὴν Ἰήμων, οὐσαν ^οἰ[καί] διάκονον τῆς ἐκκλησίας τῆς ἐν Κεγ-
 χραεῖς, **2** ἵνα (αὐτὴν προσδέξησθε) ἐν κυρίῳ ἀξίως τῶν
 ἁγίων καὶ παραστήτε αὐτῇ ἐν ^φ ἂν ὑμῶν χρήζῃ πράγ-
 ματι· καὶ γὰρ ἡ αὐτὴ ἑπροστάτις πολλῶν ἐγενήθη καὶ
 ἐμοῦ αὐτοῦ.
3 Ἀσπάσασθε Ἰρίσκαν καὶ Ἀκύλαν τοὺς συνεργοὺς
 μου ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ, **4** οἵτινες ὑπὲρ τῆς ψυχῆς μου
 τὸν ἑαυτῶν τράχηλον ὑπέθηκαν, οἷς οὐκ ἐγὼ μόνος εὐ-
 χαριστῶ ἀλλὰ καὶ πᾶσαι αἱ ἐκκλησίαι τῶν ἐθνῶν, **5** ^{καὶ}
 τὴν κατ' οἶκον αὐτῶν ἐκκλησίαν. ἀσπάσασθε Ἐπαίνε-

τον τὸν ἀγαπητόν μου, ὅς ἐστιν ἡ ἀπαρχὴ τῆς Ἰασίας
 (εἰς Χριστόν). **6** ἀσπάσασθε Μαρίαν, ἥτις πολλὰ ἐκο-
 πίασεν (εἰς ὑμᾶς). **7** ἀσπάσασθε Ἀνδρόνικον καὶ Ἰου-
 νίαν τοὺς συγγενεῖς μου καὶ ^τ συναιχμαλώτους μου, οἵ-
 τινές εἰσιν ἐπίσημοι ἐν τοῖς ἀποστόλοις, οἳ καὶ πρὸ
 ἐμοῦ γέγοναν ἐν Χριστῷ. **8** ἀσπάσασθε Ἀμπλιᾶτον τὸν
 ἀγαπητόν μου ἐν κυρίῳ. **9** ἀσπάσασθε Οὐρβανὸν τὸν
 συνεργὸν ἡμῶν ἐν Χριστῷ καὶ Στάχυν τὸν ἀγαπητόν
 μου. **10** ἀσπάσασθε Ἀπελλῆν τὸν δόκιμον ἐν Χριστῷ.
 ἀσπάσασθε τοὺς ἐκ τῶν Ἀριστοβούλου. **11** ἀσπάσασθε
 Ἡρῳδῖωνα τὸν συγγενῆ μου. ἀσπάσασθε τοὺς ἐκ τῶν
 Ναρκίσσου τοὺς ὄντας ἐν κυρίῳ. **12** ἀσπάσασθε Τρύφαι-
 ναν καὶ Τρυφῶσαν τὰς κοπιώσας ἐν κυρίῳ. ἀσπάσασθε
 Περσίδα τὴν ἀγαπητὴν, ἥτις πολλὰ ἐκοπίασεν ἐν κυρίῳ.
13 ἀσπάσασθε Ῥοῦφον τὸν ἐκλεκτὸν ἐν κυρίῳ καὶ τὴν
 μητέρα αὐτοῦ καὶ ἐμοῦ. **14** ἀσπάσασθε Ἀσύγκριτον,
 Φλέγοντα, Ἐρμῆν, Πατροβᾶν, Ἐρμᾶν καὶ τοὺς σὺν αὐ-
 τοῖς ἀδελφοῦς. **15** ἀσπάσασθε Φιλόλογον καὶ Ἰουλίαν,
 Νηρέα καὶ τὴν ἀδελφὴν αὐτοῦ, καὶ Ὀλυμπᾶν καὶ τοὺς
 σὺν αὐτοῖς πάντας ἁγίους. **16** ἀσπάσασθε ἀλλήλους ἐν
 φιλήματι ἁγίῳ. ^{καὶ} ἀσπάζονται ὑμᾶς αἱ ἐκκλησίαι πᾶσαι
 τοῦ Χριστοῦ.

1 K 16,15

9,31 · Kol 4,10 |
2 K 8,23

9,31

? Mc 15,21

1 K 16,20 2 K 13,
12 1 Th 5,26 1 P
5,14G 5,20 · 6,17
1 K 5,9-11 2 Th 3,6,
14 2 T 3,5 Tt 3,10s
Act 9,9 Mt 18,17 |
Ph 3,18s

17 Παρακαλῶ δὲ ὑμᾶς, ἀδελφοί, ^τ σκοπεῖν τοὺς τὰς
 διχοστασίας καὶ τὰ σκάνδαλα παρὰ τὴν διδαχὴν ἣν ὑ-
 μεῖς ἐμάθετε ^τ ποιοῦντας, ^{καὶ} ἰεκκλίνετε ἀπ' αὐτῶν·
18 οἱ γὰρ τοιοῦτοι τῷ κυρίῳ ἡμῶν Χριστῷ οὐ δουλεύου-
 σιν ἀλλὰ τῇ ἑαυτῶν κοιλίᾳ, καὶ διὰ τῆς χρηστολογίας

TRADUÇÃO LITERAL DE RM 16,1-16¹⁰

1. Recomendo pois a vós Febe, nossa irmã, sendo diácona da igreja de Cencreia.
2. Para que a recebais no Senhor de modo digno, dos santos, e a assistais em tudo o que ela de vós precisar, porque ela tornou-se protetora (patronissa) de muitos, a mim inclusive.
3. Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus.

¹⁰ Tradução feita por Dr. Valmor da Silva do texto grego retirado de Nestlé Aland, 2001, p. 438-9.

4. Que por minha vida seu próprio pescoço expuseram (= arriscaram a vida). Aos quais não eu somente dou graças, mas também todas as Igrejas dos gentios.
5. Também a Igreja que se reúne em sua casa. Saudai Epêneto, o meu amado, que é primícia da Ásia para Cristo.
6. Saudai Maria, que muito se afadigou por nós.
7. Saudai Andrônico e Júnio, meus parentes e meus companheiros, os quais são insignes apóstolo os quais antes de mim vieram em Cristo.
8. Saudai Ampliáto, meu dileto no Senhor.
9. Saudai Urbano, nosso colaborador em Cristo e Estáquis, meu amado.
10. Saudai Apeles, o provado em Cristo. Saudai os (da casa) de Aristôbulo.
11. Saudai Herodião, meu parente. Saudai os (da casa) de Narciso que está no Senhor.
12. Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigaram no Senhor. Saudai Pérside, a amada que muitos se afadigou no Senhor.
13. Saudai a Rufo, este eleito no Senhor, e sua mãe, que é também minha.
14. Saudai Asíncrito Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que estão com eles.
15. Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã e Olimpas, e todos os santos que estão com eles.
16. Saudai-vos uns aos outros com o beijo santo. Saúdam-vos todas as igrejas de Cristo.

Segundo Richter Reimer (2003, p.1083), todas estas pessoas que Paulo saúda em Rm 16,1-16 são conhecidas pelo processo missionário. Fazendo um levantamento dessas mulheres e desses homens saudados por Paulo encontramos

três grupos mencionado por ele.

- a) Paulo saudava 27 pessoas nominalmente;
- b) Paulo menciona duas mulheres anônimas, a mãe de Rufo (v.13) e a irmã de Nereu (v.15);
- c) Paulo destaca grupos que se reúnem em torno da liderança: a igreja que se reúne na casa de Priscila e Áquila (v.5); as pessoas pertencentes à casa de Aristóbulo (v.10); os da casa de Narciso (v.11), as irmãs e irmãos que se reuniam com Asincretos.

Flegonte, Hermes, Pátrobas e Hermas (v.14) eram as pessoas que se reuniam com Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã e Olimpas (v.15). Esta carta, portanto, dá-nos informações preciosas quanto às comunidades de Roma, embora não se saiba o número exato das comunidades existentes na capital do Império, mas se sabe que mulheres e homens líderes reuniam-se em casa, formando uma comunidade cristã.

2.3. Formação Sociocultural em Roma (Rm 16,1-16)¹¹

Rm 16,1-16 é um texto de uma carta em que Paulo saúda os seus companheiros missionários. Pela sua composição é visível observar que homens e mulheres estavam juntos no trabalho de evangelização. Entre eles, nem as origens, nem a condição social era levada em consideração para anunciar a boa notícia. Todos trabalhavam com Paulo na missão da igreja.

¹¹ Estrutura feita por Bortolini, 1997, p. 10-11.

1. NOME	HOMEM/ MULHER	ORIGEM / CONDIÇÃO SOCIAL	FUNÇÃO e/ou TÍTULO (como Paulo os/as chama)	IGREJA DOMÉSTICA
FEBE	Mulher	Pagã?	Diaconisa da igreja de Cencréia. E Prostátis. “Nossa irmã”	
PRISCILA e ÁQUILA	Mulher Homem	Missionários judeus itinerantes: de Roma para Corinto, daí para Éfeso e novamente para Roma	Arriscaram a vida por Paulo. “Colaboradores meus”	Na sua casa
EPÊNETO	Homem	Pagão	Primeiro convertido da Ásia. “Amado”	
MARIA	Mulher	Judia? Pagã?	“Trabalhou muito por vocês”	
ANDRÔNICO e JÚNIA	Homem Mulher	Pagão? Pagã?	“Parentes” (=judeus?). companheiros de prisão de Paulo. convertidos antes dele. “Apóstolos importantes”	
AMPLIATO	Homem	Pagão. Escr. Lib.?	“Meu caro amigo no Senhor”	
URBANO	Homem	Pagão. Escr. Lib.?	“Nosso colaborador em Cristo”	
ESTÁQUIS	Homem	Pagão	“Meu caro”	
APELES	Homem	Pagão	“Bom cristão”	
ARISTÓBULO	Homem	Judeu. Condição social elevada?		“Famíliares” na sua casa
HERODIÃO	Homem	Judeu. Condição social elevada?	“Meu parente” =judeu?	
(NARCISO)	Homem	Pagão?		Na sua casa
TRIFENA e TRIFOSA	Mulher Mulher	Pagã Pagã	“Trabalharam pelo Senhor”	
PÉRSIDE	Mulher	Pagã. Escr. Lib.?	“Querida”. “Trabalhou muito pelo Senhor”	
RUFO	Homem	Judeu?	“Eleito do Senhor”	
Mãe de Rufo	Mulher	Judia?	“É minha mãe	

			também”	
ASÍNCRITO	Homem	Pagão. Escravo liberto?		Igreja Doméstica dos que vivem na casa de Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas e Hermas
FLEGONTE	Homem	Pagão. Escravo liberto?		
HERMES	Homem	Pagão. Escravo liberto?		
PÁTROBAS	Homem	Pagão. Escravo liberto?		
HERMAS	Homem	Pagão. Escravo liberto?		
FILÓLOGO e.casal?	Homem	Pagão?		Igreja Doméstica dos que vivem com Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpas
JÚLIA	Mulher	Pagã?		
NEREU	Homem	Pagão?		
Ir . de Nereu	Mulher	Pagã?		
OLIMPAS	Mulher	Pagã?		

Segundo Bortolini (1997, p. 15), pode-se constatar que a comunidade de Roma possuía uma riqueza em sua diversidade de origem: judeus, não judeus, homens e mulheres, pessoas de condição social pouco elevada, pois muitos tinham sido escravos. Enfim, era uma comunidade bastante heterogênea. Segundo o autor, pelo nome poder-se-ia descobrir com certa segurança sua condição social (escravo ou não), e a etnia/raça (judeu ou pagão).

Os pontos de interrogação expostos no quadro anterior quanto à origem significam a não absoluta certeza do que se afirma. Assim, não se pode afirmar com certeza que Febe, Trifosa e Trifena, Olimpas e Pérside sejam de origem pagã. Com segurança afirma-se que Júnias, Júlia e a irmã de Nereu são também de origem pagã, ao contrário de Priscila, que é judia, sendo também provável que Maria e a mãe de Rufo sejam de origem judia.

Entre os homens citados, Áquila é, sem dúvida, de origem judaica, fato constatado pelo ocorrido decreto do Imperador Cláudio; no decorrer do ano 49. Nessa época conta a história que havia tumulto em Roma, por causa de um tal de

Cristo. Estudos indicam que a expulsão não foi de todos os judeus residentes em Roma, mas apenas daqueles que tinham se convertido para a fé cristã. Sabe-se que a fé em Cristo provocou tumultos políticos e religiosos. Só eram expulsos aqueles que não possuíam cidadania romana. Portanto, Áquila e Priscila precisavam ficar em outro lugar. Vão para Corinto, onde se propõem a começar tudo de novo (RICHTER REIMER, 1995, p.91).

Não se tem absoluta certeza de que Rufo era judeu, mas segundo Bortolini (1997, p. 14) os estudos apontam para uma resposta positiva. Não se afirma com precisão a origem pagã de Andrônico, Narciso, Filólogo e Nereu. Epêneto, Ampliato, Urbano, Estáquis, Apeles, Ansíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas e Hermas são de origens pagãs.

Wegner (1990, p. 50) nos fornece as seguintes informações ao analisar o texto de Rm 16,3-16: ao se fazer uma análise profunda dos nomes existentes, verifica-se que os nomes não latinos costumam estar associados à origem social não livre. Na lista apresentada em Rm 16, todos os nomes são gregos, com exceção de Ampliato, Júnia, Júlia, Maria, Áquila, Priscila, Rufo e Urbano. A pergunta aqui fica obscura, pois os nomes gregos somam um total de 16. Seriam todos de origem não livre? Trabalha-se com a hipótese de que poderiam ter recebido estes nomes fora da Itália, onde os costumes eram outros.

Certos nomes em sua origem, naquela época, eram designação de escravos. Meio século mais tarde esses nomes continuavam a designar a camada não livre e baixa da população.

Havia pessoas, outrora escravas e posteriormente libertas, que davam nomes aos descendentes usando a origem da família maior do (ex) amo, como é o caso de Júlia, Júnia, Maria e Herodião.

Em inscrições restritas a Roma, certos nomes incidem sobre pessoas escravas ou libertas, podendo, assim, eles ser gente de classe baixa como é o caso de Nereu, Perside, Asincreto, Pátrobas, Filólogo, Andrônico e Olimpas.

Pelas informações que o capítulo 16 de Rm nos dá, pode-se concluir que, no total, 13 nomes estão ligados à baixa classe social; 9 estão ligados à origem escrava, sendo apenas 4 de origem livre. Percebe-se que no total da lista havia 2 escravos libertos para cada cidadão livre. Conforme Wegner (1990, p. 50), pode-se considerar que:

“... os nomes que maior tendência apresentam de associação com pessoas de origem escrava são: Nereu Hermes e Pérside. Além destes apresentam ainda uma tendência destacada na mesma direção os nomes de: Herodião, Trifena, Trifosa, Júnia, Júlia e Ampliato. Nos casos de Asincrito, Pátrobas, Filósogo e Andrônico, cuja ligação a pessoas de origem humilde é percentualmente alta na inscrições de Roma, um juízo último torna-se difícil por representarem, simultaneamente, pessoas peregrinas, ou seja, migrantes, para capital. As outras pessoas da lista não mais podem ser enquadradas com o grau de segurança necessária, com exceção de Urbano, Priscila, Áquila e Rufo, todos nomes que não denotam nenhuma tendência para pessoas escravas”.

Roma, portanto, era uma comunidade bastante heterogênea, em se tratando de origem. Quanto à condição social desta comunidade, fica claro que muitos entre eles não possuíam uma notável posição social, mas encontramos trabalhadores que se dispunham a propagar e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, deixando-nos a certeza de que mulheres e homens juntos lutam pela mesma causa, anunciar o reino de Deus.

2.4. Igreja na Casa, Lugar de Trabalho Missionário

O texto de Rm 16,1-16 mostra-nos que as comunidades, diferentes das de hoje, reuniam-se em casa. Era na casa, lugar muitas vezes de trabalho como nos lembra a casa de Priscila e Áquila, onde também se reuniam em torno dela a igreja de Jesus Cristo.

Segundo Goetzmann (2000, p. 285-8), havia uma diferenciação quanto ao termo casa e moradia. *Oikos* seria casa e *oikia* seria moradia. Com o passar dos tempos, tais palavras foram denominadas e empregadas como sinônimos. O clã portanto era a grande família patriarcal, várias unidades domésticas, abrangendo toda a parentela. Neste espaço Casa, realizava-se a vida política, econômica, social e religiosa (CEBI, 2000, p. 46-8).

Na conversão popular, *oikos* seria qualquer tipo de moradia, inclusive um templo. Em caso de templo, *oikos* indicava o deus ao qual o templo foi dedicado. Essa palavra também era usada em sentido metafórico, pois denotavam muitas vezes famílias, propriedades e outros. No Novo Testamento, *oikos* e *oikia* são sinônimos, e o termo *oikos* é mais freqüente. Essa palavra indica, em várias passagens do Novo Testamento, a formação das igrejas nas casas. A casa missionária tinha um grande significado para a propagação do evangelho. As igrejas originárias tinham que contar com o esfacelamento da família por amor ao evangelho. Aceitando essa situação, há promessas de novas casas (Mc 10,29-30).. O lar desfeito é tomado pela família de Deus, a comunidade cristã (GOETZMANN, , 2000, p. 288).

Sabemos que a igreja cristã começou em casas de família. Chamavam-se de Igreja as comunidades cristãs que se reuniam nas casas. Em Rm 16 temos o

exemplo de Priscila e Áquila, fundavam e apoiavam uma “ igreja em sua casa”, para onde quer que fossem. Ajudados pelo seu comércio, independente de qualquer igreja local, são considerados uns dos mais eminentes missionários e fundadores de igrejas domésticas.

Mattos (2002, p. 99) afirma que as igrejas domésticas eram células de resistências na sociedade greco-romana, pois todos aqueles que eram seguidores de Jesus, e que desejavam ter uma nova vida em Cristo, buscavam viver uma igualdade entre os membros da comunidade. Como exemplo, Richter Reimer (1995, p. 64-5) nos relembra a casa de Maria (At 12), onde todos se reuniam para o culto a Deus. As pessoas encontravam-se reunidas em espírito de comunidade. Oravam em prol dos injustiçados. É nesse espaço que também pessoas escravas têm lugar. A história da escrava Rode mostra que na comunidade cristã todas as pessoas eram tratadas sem discriminação (Veja Gl 3,28). Assim, a casa de Maria é exemplo de que em Jesus Cristo é possível abolir o sistema de dominação social¹².

Fiorenza (1992, p. 209-19) nos diz que a igreja doméstica fornecia espaço para a pregação da palavra, para o culto, e para a partilha de mesa social e eucarística. As pessoas que lideravam uma igreja em sua casa, às vezes possuíam uma condição econômica melhor entre a classe trabalhadora. Não se sabe com exatidão se, quando os donos da casa se convertiam à religião, todos os seus parentes tornavam-se cristãos, visto que para a família greco-romana os parentes eram também escravos trabalhadores, associados de negócios, clientes etc. Mas pode-se afirmar com certeza de que era *status* social aos membros líderes da família.

¹²A respeito de outras mulheres, líderes de igrejas nas casas, veja Richter Reimer, 1995, p. 63-79; Fiorenza, 1992, p. 2009-20.

As igrejas domésticas forneciam oportunidades iguais às mulheres. Tradicionalmente, as mulheres não eram excluídas das atividades na casa. Portanto, ao se reunir a igreja na casa, tinham responsabilidade primária pela comunidade.

As mulheres cristãs não foram as primeiras no primeiro século a ter em suas casas cultos religiosos. Mulheres já eram conhecidas por abrirem suas casas para cultos orientais. De modo semelhante encontramos sinagogas com cultos domésticos. Ao seu fundador eram reservados alguns privilégios. Não se sabe exatamente qual o poder das mulheres no culto da comunidade judaica. Mas inscrições sepulcrais foram encontradas, nas quais constam títulos como *Mater synagogae*, *presbyteres* e *archisynagogos*, referindo-se, portanto, também à liderança de mulheres. É nessa tradição que também encontramos mulheres como líderes nos cristianismos originários, as quais foram saudadas por Paulo e reconhecidas pelos trabalhos prestados em sua igreja na casa.

Este também é o caso de Febe, mencionada em Rm 16,1-2. Ela é apresentada como líder na igreja de Cencréia. É chamada de 'patrona', que, conforme vimos, significa protetora.

Febe não se limitava à igreja de Cencréia, mas estendia-se a Paulo numa relação de patrono-cliente. Por ter usado a influência de Febe e ter tido benefícios a seu favor, Paulo deixa claro que lhe devia favores como cliente (FIORENZA, 1992, p. 217).

Segundo Bortolini (1997, p. 16-8), no centro do Império Romano as pessoas cristãs constituíram igrejas domésticas. Podemos constatar, em Rm 16,1-15, que há cinco agrupamentos diferentes. Os mais eminentes missionários fundadores de igrejas domésticas são Áquila e Priscila. Juntos, espalharam o evangelho com ajuda do seu trabalho artesanal e respectivo comércio. Quando

Claúdio baniu os judeus de Roma, o casal foi para Corinto, onde aceita Paulo como colaborador em seu trabalho e na sua igreja doméstica. Priscila e Áquila, ao chegarem a um determinado lugar, montavam a sua tenda/casa, que servia de lugar de trabalho e lugar de reuniões comunitárias, organizando-se assim em sua casa uma igreja de Jesus Cristo.

Constata-se em Rm 16,3, que ao saudar o casal, Priscila é mencionada primeiro que Áquila, não negando o engajamento de Áquila no trabalho evangelizador. Mas Priscila teve maior repercussão. As mesmas atribuições que foram dadas a Paulo, como teólogo, o missionário, o apóstolo trabalhador, foram dadas a Priscila pela igreja antiga. Priscila foi conhecida e louvada no mundo cristão.

Sua dinâmica de trabalho evangelizador era apenas diferente da que Paulo tinha. Priscila armava sua tenda, onde trabalhava e reunia em torno de sua casa a igreja. Todavia, Paulo chegava a uma cidade à procura de um grupo já organizado, a partir daí começava o seu trabalho evangelizador. Diferente de Paulo, Priscila não se preocupava em formar uma comunidade local, mas em evangelizar a partir de sua casa (RICHTER REIMER, 1995, p. 94-5).

Na casa de Aristóbulo, havia outro grupo cristão. Sendo ele pessoa de provável posição elevada, teria condições de colocar sua casa à disposição para reuniões e celebrações da comunidade.

Narciso tinha em sua casa reuniões, embora Paulo não o tivesse conhecido, tem-se, segundo Bortolini (1997, p. 17), notícias de que em sua casa abrigava um grupo cristão.

O quarto grupo é composto de cinco homens: Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas e Hermas; talvez fossem escravos libertos. Com eles vive um

grupo de irmãos. O último grupo vive com Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpas.

Observando o quarto e o quinto grupo, Paulo deixa entender que “família” na comunidade de Roma ganha um novo sentido. Não se trata de família no sentido patriarcal, mas uma grande família sem laços de sangue, mas laços de fé, de amor, que geram novas relações, e essas relações de amor e fraternidade se davam no interior das “casas”¹³. É importante observar que as igrejas domésticas eram fator decisivo no movimento missionário.

Embora fosse a casa¹⁴ lugar de muito trabalho, era em suas próprias casas que mulheres se tornavam líderes e protagonistas nos cristianismos originários. Foi este lugar, casa, onde o espaço se tornou propício para mulheres e homens anunciarem o evangelho e propor um novo estilo de vida em que pessoas empobrecidas, escravas e escravos, libertos e libertas faziam e propunham entre eles viver a proposta do Reino de Deus, onde a discriminação era abolida e como alternativa de vida viviam a partilha entre irmãos.

2.5. Ministério de Mulheres a Partir de Rm 16,1-16

Nas cartas paulinas, encontramos textos como: 1Cor 11,2-16; 14,33-36,, que pelas interpretações levam à opressão da mulher, nelas também encontramos passagens como Rm 16,1-16 em que podemos constatar claramente mulheres com grandes responsabilidades. Não se pode negar que as igrejas domésticas forneceram oportunidades para que as mulheres pudessem estar inseridas no

¹³ Temos outras casas que foram importantes no trabalho de evangelização, como a Casa de Filemon e Ápia (Fm 2); a casa de Lídia em Filipos (At 16,15); a Casa de Ninfa em Laodicéia (Cl 4,15).

¹⁴ Sobre igreja na casa, veja Comblin, 1987, p. 320-55, também Velasques Filho, 1988, p. 213-17.

trabalho missionário. A comunhão vivida entre as comunidades, para onde Paulo envia suas cartas, retrata-nos que entre elas não havia desigualdade, o movimento missionário abolia qualquer diferenças de raça, classe e religião que pudesse existir entre eles. Ao se buscar na história encontramos mulheres que se sobressaíram em vários tipos de trabalho: artesanal, missionário etc.

Qualquer trabalho em que a mulher participava, ela era, por Paulo, reconhecida e se destacava junto à comunidade à qual pertencia. As saudações de Paulo a todas as mulheres, em Rm 16, levam-nos a constatar que na liderança cristã as mulheres assumiram responsabilidades iguais aos homens, sem qualquer discriminação.

Segundo Fiorenza (1992, p. 191-200), as mulheres que já tinham experimentado a bondade e graça do Deus de Jesus foram líderes e expandiram o seu movimento na Galiléia. No movimento cristão primitivo, indica-se a presença de mulheres. Ao se buscar informações históricas sobre o envolvimento das mulheres no início do movimento missionário, percebe-se um silêncio “lucano”. O lugar central em Atos dos Apóstolos é ocupado por Paulo, as mulheres só aparecem para auxiliá-lo. Contudo, ao lermos a literatura paulina e pós-paulina, reconhecemos mulheres que foram líderes no movimento missionário.

Em Rm 16 temos prova suficiente de ministérios femininos. Paulo não só saúda as mulheres, mas cada uma delas é lembrada por suas funções ministeriais. É importante, então, estar relacionando os seus nomes às suas funções ministeriais.

2.5.1. Trabalho diaconal

Paulo nomeia Febe como diácona: "...nossa irmã, sendo diácona da igreja de Cencréia...", cidade portuária na cidade de Corinto. Era um local de muita pobreza, sujeira, escravidão. Mas era neste local que Febe realizava o seu trabalho diaconal (RICHTER REIMER, 2003, p.1088-9).

Paulo descreve Febe como *diákonos*, termo usado tanto para mulheres e homens. Implica aqui pelo menos a responsabilidade de ajudar os fiéis porque são lideranças que possuem autoridade.

Reily (1997, p.23-80) afirma que, por causa das traduções inadequadas, o ministério de Febe fica obscuro. Exemplo disso temos a Bíblia de Jerusalém, que tem como tradução diaconisas. A palavra diaconisa em Rm 16,1 é *diakonon*, acusativo de *diakonos*, vocábulo feminino que tem precedentes no grupo clássico, posteriormente foi introduzido no grego eclesiástico como *diakoniza*, deixando assim de existir no grego clássico.

Segundo Burge (1993, p.463-4), a ordem dos diáconos foi instituída pela igreja cristã. O grupo que acompanha essa palavra é *diakoneo*, servir, *diakonia*, serviço; *diakonos*, servidor. A princípio o termo era usado para pessoas que serviam a mesa e ampliou-se para os cuidados com o lar e com outras pessoas. No Antigo Testamento, *diakonos* era denominação para os servidores da corte. No Antigo Testamento, a palavra *diakono* tinha o significado de servos do Senhor.

Em At 6, percebe-se o ofício formal de diácono. Em razão do problema na distribuição de bens, nomeiam-se sete líderes e a eles são confiadas funções específicas. Nenhuma mulher é designada entre os helenistas para se dedicar à

diakonia. Na realidade, Lucas quase não menciona mulheres, só as menciona em caso de conflito. Em sua literatura, procurou apenas fazer uma coloração a muitas mulheres que deram sua contribuição ao movimento dos cristãos. Todavia, por causa da escassez e do caráter androcêntrico das fontes, a contribuição das mulheres nos movimentos missionários continua perdida. Com a expansão das religiões, assim como o judaísmo, também o cristianismo espalha missionários. Esse movimento, portanto, dependia da hospitalidade das igrejas domésticas.

Na prática do movimento missionário era comum andarem dois companheiros, permitindo, assim, a igualdade entre mulheres e varões. Nas cartas paulinas, mulheres são mencionadas como cooperadoras (Priscila), diáconos (Febe) e apóstola (Júnia): as mulheres eram vistas por Paulo em pé de igualdade, reconhecia o seu trabalho missionário. Há referência do papel a ser desempenhado na igreja, para o qual os diáconos devem mostrar um estilo de vida exemplar e uma fé sólida. O exercício de diácona fica claro em Rm 16,1, onde Febe de Cencreia é elogiada por Paulo.

No século II, Plínio, o jovem, menciona duas diáconas (*Ministrae = diaconoi*), escravas na província de Betínia. Não se sabe o nome delas, mas se sabe que elas encontravam-se no último escalão social. Na comunidade são lideranças e participam do serviço comunitário. Em Rm 16,1, Paulo se refere a Febe como diácona (não diaconisa). O Novo Testamento fala em *diáconoi*, termo usado tanto para homens como para mulheres (RICHTER REIMER, 2000, p. 64).

Segundo Jensen (1996, p. 114-7), ao lançarmos olhares às comunidades antigas, percebemos que mulheres e homens desempenharam as mesmas funções, independente de seu *status* social. Conta-nos a história que Plínio, procônsul romano, para obter informações sobre os cristãos, prende duas escravas chamadas

ministras (*diakonas*). Paulo, ao fazer referência a Febe em Rm 16, usou a terminologia *diakono/patrona*, aquela que toma a frente de uma comunidade doméstica. Portanto, a palavra *diakono* era um termo usado na hora de mencionar as funções, sem fazer distinção entre homens e mulheres. Para o período pós-apostólico, Jensen (1996, p. 115) afirma que: “os bispos eram assistidos por presbíteros e diáconos”. Aos presbíteros cabia a função de anunciar os cultos na comunidade e aos diáconos cabia desempenhar as tarefas catequéticas, cuidar dos bens materiais e dos pobres. Na igreja primitiva, as diáconas ou diaconisas tinham as mesmas tarefas e funções realizadas pelos diáconos.

A impressão que temos ao repassar a história é que o ofício feminino no diaconato era muito importante. Como exemplo, segundo Jensen (1997, p. 115), temos Olimpias, em Constantinopla, amiga de João Crisóstomo, diácona influente e de grande cultura. As diáconas tinham como obrigações preparar as pessoas para o batismo (catequese). Os ritos que aconteciam no batismo eram realizados por elas, visto que as mulheres deveriam ungir seus corpos nus com óleo. Praticamente todo o ritual era realizado pelas mulheres, e aos bispos só restava ungir a testa e providenciar a fórmula batismal. Tinham também como ofício visitar os doentes, quando oravam por eles impondo as mãos, dando-lhes também a comunhão.

Nas origens do cristianismo, as mulheres exerciam vários cargos. Com o passar dos séculos, mesmo com grande participação na igreja, às mulheres não eram confiados cargos ministeriais. A sua grande participação no batismo só foi permitida pelos rituais que deveriam acontecer, e nos quais não poderiam estar os bispos realizando com as mulheres. Com a propagação das igrejas, diminui o batismo dos adultos e com isso cabe às diáconas apenas os cuidados com os enfermos. Afirma Jensen (1997, p. 116):

“A diaconia das mulheres se transformou em serviços, a diaconia dos homens em ofício! O caminho histórico das diáconas levou à diaconia. Ao passo que dos diáconos levou ao diaconato, isto é, ao último degrau antes da ordenação para o sacerdócio, de que as mulheres estão excluídas”.

Segundo Mattos (2002, p. 56), afirma-se que no grego *diakonos* significa servo ou ministro; no Novo Testamento essa expressão foi várias vezes usada para homens – Apolo (1 Cor 3,5); Paulo (1 Cor 3,5; 2 Cor 6,4; Ef 3,7; Cl 1,23,25); e Timóteo, (1 Tm 4,6) e que por vez é usada somente uma vez para mulher – Febe de Cencrécia, em Rm 16,1. Essa palavra *diakonos*, para homens, significava atividade ministerial e estava ligada à pregação e ao ensino da palavra. Contudo, o termo aplicado à Febe não poderia ter outro significado. Outro dado relevante que a autora enfatiza é que as traduções de *diakonos* estão sempre como “ministro”, raríssimas vezes como “servo”; portanto, não há motivo de que Febe não viesse a ter a mesma função que os companheiros de Paulo. A tradução que coloca a pessoa de Febe como serva, a qual serve, faz isso graças à interpretação patriarcal do texto. Febe recebeu o título de *diakonos* porque os serviços prestados por ela na comunidade em que viviam eram importantes. Podia reivindicar por sua autoridade, como a ela foi dado o seu segundo título, *prostatis*, patrona (FIORENZA, 1995, p. 178).

Mickelsen (1996, p. 231-2) diz que: além de ser a única mulher chamada de *prostatis* em Rm 16, essa palavra *prostatis* só é empregada essa única vez em todo o Novo Testamento. *Prostatis*¹⁵ é uma forma feminina que significa líder, pessoa que fica à frente, que preside, patrono. A sua raiz verbal grega *proïstemi* significa cuidar, governar, liderar. Nas passagens neotestamentárias, sobre líderes

¹⁵ Veja Richter Reimer, 2003, p. 1088-9.

da Igreja Cristã, esse termo está sempre indicando cuidar e governar. Porém esse conceito de líder também é o de Jesus de liderar e pastorear nos Evangelhos. Não nos deixando dúvida alguma que *prostatis*, além de significar protetora, patrona, ajudadora, é uma pessoa que tanto lidera como vigia, cuida do rebanho de Jesus. Febe de Cencrêia, com certeza, atuou em uma função pastoral.

É importante aqui ressaltar que Febe, ao receber o nome de *prostatis*, exercia função de decisão e que tinha em suas mãos a direção de um trabalho missionário, e que muitas pessoas, inclusive aquelas que teciam recomendação, como Paulo, estavam subordinadas a ela. Schottroff (1995, p. 87) tece críticas à diferença do *prostatis* na história interpretativa. Para o feminino a terminologia *prostatis* é usada como se significasse assistente, auxiliadora. Mas para o masculino tem outro significado: *prostatis* é protetor, patrono, dirigente. Isso faz parte da dinâmica de interpretação patriarcal, que objetiva diminuir a relevância e o protagonismo da atuação ministerial de mulheres.

“Outro termo explicado por Paulo que é relevante para a história da mulher no trabalho missionário é o de ‘apóstolo’. quase não nos é possível fazer uma construção histórica das apóstolas. O que se tem é algo bastante fragmentado (ALBRECHT,1996, p. 33-38)”.

2.5.2. Trabalho apostólico

Rm 16,7 nos apresenta outra mulher em função ministerial: Júnia, que, junto com Andrônico, conta entre os apóstolos. Na língua grega, *Apostolos* é empregado tanto para o gênero feminino como masculino, tendo mudanças apenas no artigo o (o) *apóstolos* – a (n) *apóstolos*. Portanto, nessa situação torna-se difícil

identificar as mulheres apóstolas. Essa situação, muitas vezes, leva-nos a crer que, quando se coloca o termo apóstolo no plural (*apostoloi*), poderia ter a presença de apóstolas femininas. O termo apóstolo nos textos neotestamentários aborda duas compreensões. “Lucas restringe o número de apóstolo aos doze que seguiram Jesus. A concepção paulina, no entanto, nomeia ‘apóstolos’ a quem pratica a atividade missionária, (ALBRECHT, 1997, p. 33)”, tema que interessa ao presente trabalho.

Segundo a autora Albrecht, na lista de apóstolos na história política da igreja, só encontramos homens, mas em Rm 16,7 encontramos o termo aplicado a uma mulher: Júnia. A forma plural *apostolois* mostra-nos referência que indica duas pessoas – Andrônico e Júnia. Embora os textos neotestamentários possuam uma linguagem androcêntrica, é possível visibilizar as mulheres exercendo um apostolado itinerante. A observação interessante que a autora faz é que só se consegue documentar a aplicação de apóstola uma mulher numa época em que a importância dos apóstolos perdia terreno para os cargos eclesiásticos, como sacerdote, diaconia e bispo. Albrecht começa a reconstrução da história sobre os apóstolos a partir de textos do século II. A Didaqué, documento do séc. II, não restringe apóstolos apenas “aos doze,” mas aos missionários itinerantes, não menciona e nem exclui as mulheres de realizarem tais tarefas em meados deste mesmo século. Em comentário ao Evangelho de João, o teólogo Orígenes chama a mulher samaritana de apóstola, porque foi uma missionária e mensageira para os seus concidadãos. No século III, um regulamento eclesiástico sírio chamado Didascalia reforça a proibição do ensino pela mulher (1 Tm 2,12). São João Crisóstomo, em suas homilias sobre a Epístola aos Romanos, tece elogios pelas obras realizadas por Andrônico e Júnia. Mas também usou a proibição em 1 Tm 2,

12, interpretando que a mulher não deve ensinar em público, considerando a ascensão de Júnias um caso isolado. Com certeza, era Júnias uma mulher bastante atuante em seu trabalho de propagar o Evangelho de Cristo.

Richter Reimer (2000, p. 73-3) afirma que, por Paulo não restringir o uso da palavra “apóstolo” aos Doze, ele designa de “apóstolos” Andrônico e Júnias (Rm 16,7). Não se sabe se estes são casados, mas tem-se a certeza de que, juntamente com Priscila e Áquila, Trifena e Trifosa, Pérsida, Urbano, Ampliata, Rufo e sua mãe, Júlia, Nereu e sua irmã e outros, tiveram extraordinária função. Júnias e Andrônico trabalharam muito pelo Evangelho. Esse ministério foi realizado antes mesmo do próprio Paulo.

A evangelização se dava em meio ao trabalho duro, com pessoas estranhas buscando consolo, fortalecimento da fé. Isso acontecia na casa durante as reuniões eclesiais, e era ali no meio da casa que mulheres como Júnias celebravam a sua fé junto com mulheres e homens.

Tamez (1995, p. 151-2) diz que a maior parte dos cristãos viviam no distrito de Trastévere ou na Via Ápia, lugares estes insalubres da cidade. As condições de vida eram de péssima qualidade, as casas eram do tipo cortiço ou vilinha. Tratava-se de um bairro onde viviam pessoas com pouquíssimo recursos. Portanto, se a maioria dos cristãos de Roma viviam nesses bairros, é provável que eram pessoas pobres e que suas reuniões eram feitas em casas alugadas, havendo apenas alguns com melhor situação e com possibilidade de ajudar os necessitados.

Mattos (2002, p. 58) nos informa que, a partir do século 14, traduções passaram a grafar Júnias (masculino) em vez de Júnias (feminino), nome romano usado para mulheres (Junia). Aceitar uma mulher como apóstolo nos primórdios do cristianismo significa dizer que a Igreja das origens tinha mulher no exercício do

apostolado¹⁶. Exegetas homens acreditam que, nos primórdios do cristianismo, as lideranças se encontravam em mãos masculinas, sendo as mulheres apenas ajudantes dos apóstolos¹⁷. É evidente que o modelo exegético sexista-machista acaba por encobrir as funções ministeriais ocupadas por mulheres como missionárias, diáconos, presbíteras, apóstolos nas comunidades cristãs. É muito provável que as mulheres eram líderes no movimento cristão, e não devessem sua posição a Paulo. É observável no Novo Testamento, na prática das comunidades cristãs, que mulheres agem independente. Tudo nos leva a crer que o processo de canonização dos documentos cristãos refletiu um processo patriarcal de seleção, que acabou por afastar as mulheres da liderança da Igreja cristã.

2.5.3. Colaboradores Missionários

Paulo, em Rm 16 ao se referir a Priscila, Áquila e Urbano, usa as expressões “colaboradores, colaboradoras” segundo Richter Reimer (2003, p. 1087-8) e termos gregos usados no v. 3 e 9 como *Synergói*, que significa trabalho conjunto. *Ergon* significa trabalho, e a preposição *syn*, com; não indicando, porém, um trabalho subalterno, ou subordinado a alguém. O trabalho aqui nos leva a entender que Priscila, Áquila e Urbano trabalharam junto com Paulo.

Contudo, Paulo, ao fazer saudações a Priscila, Áquila e Urbano, não os nomeava como seus colaboradores em trabalho da vida secular, mas era um trabalho especificado com um complemento “em Cristo”, referindo-se, então, a

¹⁶ A esse respeito veja maiores informações Richter Reimer, 2003, p. 1085; Foulkes, 1995, p. 124.

¹⁷ Ver Culver. 1996. p. 27-64, Foulkes 1996, p. 94-5.

trabalho evangelístico missionário.

Priscila em Rm 16,5 é saudada como cooperadora, junto com seu esposo Áquila, longe de considerar como ajudante subordinada ao seu marido (FOULKES, 1995, p. 120).

Richter Reimer (1995, p. 89-97) nos revela que a história interpretativa transformou Priscila e Áquila em donos de uma fábrica, considerando-os, portanto, como empresários. Além disso, existem alguns exegetas que têm dificuldade de incluir Priscila na profissão de fazer tendas. Na concepção burguesa é um trabalho pesado de homens. Outros exegetas não incluem Priscila no trabalho artesanal. Reduzem-na apenas ao trabalho missionário, pois Priscila teria o privilégio de se dedicar apenas ao estudo. Priscila, assim como Paulo, no entanto, foi missionária. Paulo reunia-se a grupos de judeus ou judaico-cristãos em uma cidade e a partir daí começava o seu trabalho de evangelização. Priscila e Áquila montavam sua tenda que servia de oficina para seu trabalho. Organizavam em torno dela a igreja de Jesus Cristo. O trabalho de Priscila não ficava apenas na sua tenda. Ela e Áquila participavam do culto sinagoga, em que se engajaram no ministério de ensino. Ao se engajarem neste ministério, tiveram oportunidade de ensinar ao eloquente e grande conhecedor da escritura: Apolo (At 18,24-26) .

2.5.4. Cansativo trabalho no Senhor

Foulkes (1995, p. 119-29) diz que, em relação às demais missionárias, Paulo usa elementos importantes para reconhecer seu trabalho. Maria (Rm 16,6) Trifena, Trifosa e Perside (Rm 16,12) foram as que cansaram trabalhando no

“Senhor”. Essas formas foram usadas por Paulo como reconhecimento da entrega à obra eclesial. O verbo *Kopião* significa “se cansar”. A especificação em *Kyrio* no Senhor nos leva a entender que é um trabalho eclesial. É interessante observar que Paulo usa esse mesmo verbo para designar o seu trabalho cansativo no senhor. Deduz que o trabalho realizado por mulheres é o mesmo trabalho missionário realizado por Paulo, um trabalho em benefício da comunidade (RICHTER REIMER, 2003, p. 1087). Embora não se sabe o que faziam Júlia e a irmã de Nereu, elas também são destacadas junto aos amigos.

Portanto, ao olharmos Paulo no seu trabalho conjunto com as mulheres, encontramos ao seu lado mulheres protagonistas, não apenas nos trabalhos que faziam de cidade em cidade, mas também no trabalho de evangelização.

Muitas comunidades eram visitadas por Paulo. Todos os trabalhos existentes nessas comunidades eram feitos por homens e mulheres. Paulo era apenas mais um colaborador na propagação do Evangelho de Jesus Cristo, levando-nos a entender que suas ações, em se tratando de subordinação e silêncio das mulheres, eram apenas para resolver situações de conflito. Nesse contexto, são as mulheres que retratam um quadro em que buscam sua libertação, como diz Richter Reimer (2000, p. 57): “é uma lástima não termos documentadas as reações de mulheres às cartas de Paulo”.

Ao se falar de protagonismo de mulheres, não podemos esquecer de atos apócrifos de Paulo e Tecla, um escrito dedicado à história de uma mulher missionária. Em algumas regiões foram considerados como canônicos. Tecla é convertida por Paulo. Foi incumbida de ensinar a palavra de Deus, e segue o movimento missionário. Tecla nos mostra a autoridade das mulheres missionárias nos primórdios do movimento cristão.

Tecla foi uma mulher que ensinava, pregava e batizava, sua história vem justificar o direito das mulheres de ensinar e batizar. Sua história foi minimizada com o tempo, pela tradição foi reduzida e até esquecida. Ouvimos hoje que a ela foi dada a ordem de pregar a palavra de Deus, mas não temos sequer um de seus discursos, nos manuscritos existentes não há traços da sua administração. Juntamente com Tecla encontramos outras narrativas em que mulheres tornavam-se protagonistas no evangelho de Jesus Cristo.

Segundo Richter Reimer (2000, p.62-72), ao dedicar estudos sobre o movimento libertário judaico e cristão junto às mulheres, percebe-se que elas não foram apenas ouvintes do Evangelho, mas foram testemunhas e se organizaram em comunidades para gritar ao mundo quem era o Messias.

Documentos escritos nos revelam que, na administração do imperador Trajano, as pessoas que negassem culto de adoração ao imperador eram postas em situação de perigo. Nesse movimento, porém, mulheres fazem parte, não são apenas mulheres comuns, mas são lideranças em comunidades, estando sujeitas às inquisições romanas.

Sem dúvida alguma Rm 16,1-15 é um texto que nos traz informações riquíssimas quando estamos reconstruindo o protagonismo de mulheres nos cristianismos originários. Podemos perceber que mulher e homem trabalhavam juntos na função de evangelização. As mulheres, juntamente com Paulo, trabalhavam e exerciam cargos ministeriais. Apóstolos, diáconos, colaboradoras, aquelas que se afadigaram no senhor são títulos nomeados às mulheres que por merecerem foram reconhecidas por Paulo em seus trabalhos missionários.

Percebemos que mesmo caladas, as mulheres não deixaram de estar na labuta do trabalho pelo Senhor. Doavam-se e exerciam ministérios com base em um

compromisso gratuito. Mulheres e homens nas comunidades, as quais podemos observar, foram vivenciando sinais do Reino de Deus, fizeram uma proposta democrática, trabalhavam em benefício de uma comunidade, indistintamente assumem cargos de liderança, deixando-nos exemplo de que em Deus há uma superação de classe, gênero e etnia.

CAPÍTULO III

COMO MULHERES HOJE VIVEM O SEU MINISTÉRIO

“Nas nossas leituras, principalmente em grupos de mulheres procuramos por histórias de mulheres que tenham uma perspectiva de libertação, procuramos por imagens alternativas de Deus, por processos de solidarização em meio a situação de sofrimento e de perseguições” (RICHTER REIMER, 2000, p. 17).

Hoje, portanto, há mulheres que pensam assim, estão dispostas a construir e reconstruir histórias de mulheres que durante muito tempo foram silenciadas.

A Bíblia, como já sabemos, é interpretada por muitos, com um olhar hermenêutico androcêntrico, isto é, interpretam com olhos masculinos, os quais não deixam visíveis as histórias onde mulheres são protagonistas.

Nos tempos de hoje, é fundamental aprender a ler a Bíblia com olhares diferentes, como afirma Fiorenza (1992, p. 17-65): “É preciso reclamar a história cristã primitiva, dizer que ela é parte integrante da historiografia cristã, e ao mesmo tempo ter solidariedade com as primeiras mulheres que, através de sofrimento e luta, deixaram em suas histórias exemplos de coragem e força”.

A Bíblia torna os fatos sagrados, é então necessária uma leitura muito atenta, tentando-se ler as intenções além das palavras, para, com base nisso, descobrir e compreender a libertação revelada. A Igreja hoje é, na maioria, igreja de mulheres, mas homens buscam apoiar seu poder e autoridade em textos da Escritura. Já sabemos que a Bíblia é um produto de uma cultura patriarcal, é necessário uma leitura atenta dos textos para que possamos enxergar a realidade igualitária existente nas comunidades cristãs.

3.1. Entendendo Paulo Hoje

A mulher hoje, ansiosa por viver seus ministérios apoiados pelos textos da Escritura, tenta fazer uma retrospectiva histórica de mulheres que, juntamente com Paulo, puderam fazer histórias não de repressão, mas de libertação da figura feminina.

Atentando para a história, Paulo, sem dúvida, teve uma grande representatividade na história do cristianismo. Como pessoa, foi um homem considerado por muitos extremamente radical, firme e enérgico naquilo a que se propunha fazer como cristão, judeu e cidadão romano.

Foi criado na observância da Lei de Deus, mas só viveu o evangelho quando realmente teve a sua experiência com Deus, como conta em At 9. Até então, era visto como perseguidor daqueles que tinham uma comunhão com Deus e procuravam propagar sua fé.

Em Rm 16,7 Paulo saúda Andrônico e Júnia, ressaltando os seus apostolados, Paulo afirma que se converteram à fé cristã, “nasceram em Cristo” antes dele. Podemos deduzir aqui que a experiência de Andrônico e Júnia é

semelhante à do apóstolo Paulo. Trabalhavam neste apostolado antes e independente dele. Foram enviados a anunciar a Boa Nova aos necessitados pelas cidades pelas quais passavam (RICHTER REIMER, 2003). Portanto, foram pessoas iguais a Paulo, pessoas separadas para estarem propagando o evangelho.

Como cristão, designado por si mesmo servo e separado para propagar o Evangelho, Paulo é tido por muitos cristãos evangélicos como homem digno de ser copiado em todas as suas atitudes. Talvez estará aqui o grande equívoco das denominações evangélicas, pois Paulo foi um homem como qualquer outro, possuía suas limitações e vivia em um outro contexto histórico, o que o tornava um homem diferente. Paulo, portanto, vivia cercado de uma outra realidade, e os seus ensinamentos devemos tê-los como exemplo e contextualizar os seus escritos.

Paulo foi um homem que lutava contra os males provocados pela ideologia dominante. Exemplo disso foi a sua própria conversão ao cristianismo. Ao se converter, foi cortado da comunidade judaica, perdeu o círculo de amizades que tinha, pois os judeus o odiavam a ponto de querer matá-lo (At 9,23). Obrigou-se, portanto, a buscar uma nova maneira de sobreviver.

A opção escolhida por Paulo era trabalhar com as próprias mãos, como afirma Mesters (1991, p. 56-80), trabalho este que, pela sociedade grega, era visto como um trabalho escravo. Paulo queria ser um anunciador de Evangelho, mas não queria viver às custas das comunidades. Ao viver este quadro em sua história de vida acaba por romper com uma das estruturas sociais preestabelecidas na época, diz que há possibilidade de escravos e trabalhadores estarem anunciando o Evangelho, que anunciar o amor de Deus é algo que não fica fora das possibilidades dos escravos, faz parte de suas vidas.

É pertinente lembrar aqui de Perside, pois em várias pesquisas encontramos exegetas que disseram que é provável que ela seja uma escrava liberta. Podemos, então, deduzir que Perside não se encontrava na condição de escrava por estar realizando um trabalho escravo, mas a sua própria condição social era de escrava liberta. Sem dúvida alguma foi alguém que anunciou o amor de Deus no seu cotidiano. Anunciar este amor era algo natural e fazia parte de sua vida.

Embora houvesse oficinas que empregavam escravos, era humilhante para um homem livre procurar um trabalho de escravo para si. Ao pedir emprego, Paulo estava assumindo a condição de escravo. Mas para ele isso não era um sinal de escravidão, mas de uma vida honrada. Assim, Paulo expõe seu pensamento:

“Que seja para vocês uma questão de honra viver em paz, ocupando-se das suas próprias coisas e trabalhando com as próprias mãos, conforme reconhecemos. Assim vocês levarão uma vida honrada aos olhos dos estranhos e não passarão mais necessidade de coisa alguma” (1 Ts 4,11-12).

No momento em que Paulo expõe seu pensamento, encontrava-se na cidade de Corinto, trabalhando com as próprias mãos na oficina do casal Priscila e Áquila (At 18,3). Por esse texto ter sofrido alterações, desaparece o casal e fica somente a afirmação de que “Paulo foi ter com Áquila [...], e entrou na casa dele”. Hoje, na língua portuguesa, Almeida preserva o plural. Na versão original, diz claramente que Priscila, Áquila e Paulo trabalhavam. Embora encontremos traduções que querem excluir Priscila do trabalho artesanal, o livro de arqueologia *Talmudica* menciona que Priscila, como mulher, ocupava-se no trabalho de fazer tendas. Priscila, assim como Paulo, teve maior importância no exercício das funções

eclesiais. Usava o seu local de trabalho para ser um campo de evangelização (RICHTER REIMER, 1995, p. 94).

Em meio a muito vazio religioso, muitas explorações no meio dos desfavorecidos, embora houvesse uma explosão do misticismo no Império Romano, havia muitos que procuravam algo mais sério e mais comprometido com a vida. O anúncio do Evangelho é uma boa notícia. Paulo procura mais uma vez ir contra a sociedade na qual estava inserido. Com a proposta de acesso ao único Deus – Deus de Abraão – sem costumes e tradições há uma proposta de convivência comunitária séria (At 17,4-12; 18,8). Ao anunciar a “boa nova”, Paulo era visto no Império como homem de desordem:

“Estes homens estão provocando desordem em nossa cidade; são judeus e pregam costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem seguir. A multidão se amotinou contra Paulo e Silas, e os magistrados regaram as vestes deles e mandaram açoitá-los com varas” (At 16,20-22).

Um sistema que sobrevive às custas de impiedade e de injustiças, quando há alguém que luta pela justiça, acaba entrando em conflito com esse sistema. Paulo, todavia, já tinha rompido com esse sistema, ao excluir a divindade de outros deuses; não reconhecendo no imperador poder divino. Em nome do Evangelho propõe uma convivência, superando todo relacionamento de dominação entre religião, classe, sexo ou raça.

Paulo, portanto, era assim, carregava em si uma concepção de Deus e de vida que produzia entre os cristãos um novo modo de viver, oposto do que o sistema imperial propunha, “tudo isso revela alguém que, no tempo dele, talvez fosse mais crítico e mais realista do que nós hoje” (MESTERS, 1991, p. 81).

Quando aqui concordamos com a afirmação de Mesters é porque percebemos que entre as denominações cristãs existentes há algumas onde mulheres estão ativamente na igreja, mas não percebem o quanto são silenciadas. Talvez por comodismo, ou até mesmo por concordarem com os ensinamentos que lhes são dados, os seus afazeres no ministério são limitados e não vemos nenhuma reação que lhes proporcione mudanças nessa situação.

“Não se deve imaginar Paulo como um ignorante e em ingênuo frente ao sistema econômico, político e social do seu tempo. Sua opinião em favor da classe trabalhadora e escrava; a sua nova proposta, contrária à ideologia dominante; a sua visão crítica da situação social e moral, expressa na Carta aos Romanos; a sua percepção de que o abafamento da verdade pela injustiça produz males sociais e morais, a utopia que o animava de uma comunidade sem nenhum tipo de dominação” (MESTERS, 1991, p. 81).

Paulo, com sua mudança de vida, esteve diante de vários conflitos: com “falsos irmãos”, com amigos; com a religiosidade popular manipulada pelo Império; conflitos com a mentalidade e a cultura diferente dos gregos, com o Império Romano, que o levou à prisão e à morte. Mas todos esses conflitos não o fizeram calar, pelo contrário, buscava resolver todos. Vendo Paulo dessa maneira, não há porque não perguntar: por que Paulo seria contra os ministérios de mulheres? O que diria ele, hoje, ao ver que em seu nome as igrejas buscam ocultar os ministérios femininos?

Paulo, portanto, deve ser entendido no contexto da realidade social das comunidades. A história de discriminação e de opressão das mulheres no cristianismo está ligada também a textos paulinos. Mas se hoje pensássemos em Paulo, deveríamos pensar como um propulsor da luta feminista. Já que, diante de uma realidade social em que se vivia no Império Romano, onde as funções de

mulheres eram apenas de procriação e servidão ao lar, Paulo propõe a destronização do casamento e da família a qual dava a sustentação ao Estado. Propõe uma nova ordem: viver em comunidade, na qual esta passaria a ser a instância social decisiva. Propõe a todos os membros da comunidade, mulheres e homens, crianças, escravos e escravas, judeus e não judeus, viver o Reino de Deus.

3.2. Recordar o Passado e Tornar as Mulheres Protagonistas Mais Uma Vez

Febe, Júnia, Trifosa, Trifena e outras foram mulheres que fizeram história. Foram elas que, mesmo vivendo em uma realidade social onde a discriminação entre sexo prevalecia, fizeram por merecer os títulos que a elas foram concebidos.

Schottroff (1995, p. 83-112) afirma que Paulo, tal como todos os autores bíblicos, possui uma linguagem androcêntrica. As mulheres, na realidade, só são mencionadas quando há um motivo especial. Paulo, ao se referir às comunidades, fazia uso do termo grego *adelfói*, irmãos. Na realidade, Paulo não fazia isso por excluir as mulheres, mas por fazer parte do seu linguajar e dos costumes da sociedade patriarcal na qual vivia.

Na realidade, Paulo, em suas cartas, não se mostra tanto como opressor da figura feminina, mas são os cristãos posteriores à sua época que usam os seus escritos para inferiorizarem a posição feminina. Temos, como exemplo, a apóstola Júnia, sobre a qual, a partir da Idade Média, prevalece a opinião de que teria sido um homem chamado Junias. Não tendo como comprovar tal afirmação, apegam-se à forma que Paulo os tratou de “apóstolos” (Andrónico e Júnia; Rm 16,7).

As cartas paulinas mostram os seguintes aspectos importantes em relação às mulheres (SCHOTTROFF, 1995, p. 95):

- As mulheres tinham funções definidas nas comunidades (Rm 16,2).
Febe recebe a nomeação de *prostatis*: assistente, auxiliadora.
- Os trabalhos femininos tiveram grande importância na evangelização, o que se constata em Rm 16, que contém uma lista de saudações aos colaboradores de Paulo no seu programa de missionário.
- Paulo procura sempre colocá-las em pé de igualdade consigo mesmo (Fl 4,2s).
- Paulo também conhece e está subordinado às mulheres, visto que elas estavam à frente dos trabalhos.
- Os trabalhos não eram diferenciados quanto ao sexo.
- O próprio Paulo não se considerava chefe dos demais, mas apenas mais um colaborador no trabalho.

As diferenças entre homens e mulheres são produtos de dominação social. Numa perspectiva libertadora, é necessário insistir “na inter-relação de libertação de mulheres e justiça social”.

É preciso ler os textos bíblicos e estar questionando as vidas das mulheres no passado. É necessário, ao reler os textos, perguntar quais foram os interesses ideológicos presentes em suas interpretações.

Paulo escreveu textos que hoje causam certas dificuldades a mulheres, como: em 1 Cor 11,2-16 onde, Paulo fala da criação da mulher, sendo esta criada para o homem; este deve ser a cabeça da mulher. Paulo deixa nesta perícopes a maneira de como o homem e a mulher devem se portar ao profetizar.

Paulo, em 1 Cor 11,2-16, determina um traje para as mulheres cobrirem a

cabeça quando orarem e profetizarem. Uma interpretação possível baseia-se no argumento que cobrir a cabeça era um costume da época no mundo greco-romano (SCHOTTROFF, 1995, p.107).

Paulo, mesmo usando palavras que destacassem a superioridade masculina, também deixava clara a igualdade entre os sexos. Havia equilíbrio em suas colocações. As palavras ditas por Paulo são justificadas por ele se encontrar numa sociedade patriarcal, ou seja, num processo em que ele próprio se encontrava, de tornar a comunidade um lugar acolhedor, sem diferenças entre sexos.

Barbaglio (1989, p. 159-60), tratando de 1Cor 11,2-16, diz que o primeiro problema que Paulo enfrenta é a emancipação feminina. Visto que ele defende o cristianismo tradicional judaico que se encontrava entre os judeus-cristãos. Participar do culto com a cabeça descoberta era argumento forte contra a liberdade reivindicada pelas mulheres em Corinto.

Paulo, a princípio, tenta justificar-se baseado na Sagrada Escritura e na ordem natural. Mas convence-se de que seus argumentos não são convincentes, pois acaba recorrendo à autoridade da tradição. Mas, se olhar para além do texto, Paulo quer mesmo trazer ao culto um clima de ordem e decência.

Visto que Corinto era a cidade onde muitas mulheres participavam do culto à deusa de Roma, segundo Barbaglio (1989, p. 160), era explicável a tentativa de Paulo em querer que as mulheres não usassem a cabeça raspada, para que elas não fossem confundidas com as “santas” do templo de Afrodite. Ao seguir as regras como ter cabelos longos, presos, bem penteados, as mulheres-profetas resguardavam a dignidade da mulher, e assim Paulo as autorizava a se apresentar na sociedade e fora de sua casa. Richter Reimer (2000, p. 54-7) diz que 1 Cor 11, 2-16, nós é evidente de que é um texto em que mulheres lutam por uma

emancipação e que Paulo tenta argumentar quanto à subordinação das mulheres;, porém, é questionado por elas.

Segundo Schottroff (1995, p. 109), 1Cor 14,33-36 nos recorda que Paulo pede às mulheres que fiquem caladas nas Assembléias. Sem discutirmos a sua autenticidade, é um argumento bastante forte na subordinação da mulher ao homem. Por mais que queiramos achar argumentos que inocentem Paulo das intenções de suas ações, seu pensamento foi marcado pela cultura da época. Embora lutasse para manter a união dentro das comunidades, estava sempre tentando resolver conflitos internos. Com isso queremos argumentar que o que se trata em 1 Cor 14,34-35 é algo que corresponde a uma certa circunstância, não algo que se devesse ter como norma geral. A explicação a esta fala também é igual à de 1 Cor 11, visto que naquelas comunidades existiam mulheres que trabalhavam ativamente, expressando uma igualdade entre os sexos. As limitações apresentadas por Paulo seriam para evitar desordem e preservar costumes comunitários.

Conclui-se que, sem dúvida, as Cartas Paulinas, sobretudo por meio da história interpretativa, ajudaram a construir uma história de opressão das mulheres na igreja. No entanto, não se pode ignorar por completo que as histórias de Paulo também servem para libertação, quando resgatamos as histórias de mulheres que juntamente com ele exerceram os seus ministérios.

Paulo, embora tenha escrito textos que nos causam impressão de antagonismo entre os sexos, acaba por anulá-lo, quando faz a declaração batismal de Gl 3,28, que, por sua vez na figura de “Cristo”, todas as diferenças sociais, culturais, religiosas e biológicas ficam superadas. Como afirma Fiorenza (1992, p. 254):

“Não foi o patriarcalismo de amor da escola pós-paulina, mas esse ethos igualitário de “unidade em Cristo”, pregado pelo movimento cristão pré-paulino e Paulino, que forneceu a oportunidade para a injunção de Paulo referente ao comportamento das mulheres profetas na comunidade crista”.

Embora Paulo tenha usado vários argumentos que levam à subordinação da mulher ao homem, acaba por anulá-los quando diz que no senhor somos todos iguais (Gl 3,38). Isso mostra que Paulo, em sua consciência, vivia em conflito social e eclesial.

Em Gl 3, 26-28, Paulo, ao falar com os cristãos, retrata a vida entre as comunidades dizendo: “quando todos estão em Cristo não deve haver diferença”. Nesse contexto, Paulo falava para uma sociedade marcada pelo antagonismo entre a população pobre e a classe alta, escravos e livres, homens e mulheres. As cartas paulinas procuravam abolir as diferenças sociais.

É preciso ler os textos bíblicos e estar questionando as vidas das mulheres no passado. É necessário, ao reler os textos, perguntar quais foram os interesses ideológicos presentes em suas interpretações.

Num contexto sexista, a função desses textos seria estar nos mostrando a opressão das mulheres em todos os níveis de sua vida. O pensamento de Paulo pode ser justificado em seu contexto político-social, que também dará suporte ao sistema vigente de sua época.

Sem dúvida aqui abordamos textos complexos que podem argumentar e ser utilizados contra a participação de mulheres em ministérios eclesiais. Devemos, porém, ler esses textos junto com outros que nos apresentam realidades distintas: mulheres devem sim estar à frente de trabalhos ministeriais! Rm 16,1-15 evidencia

mulheres na labuta do dia-a-dia, não medindo esforços para propagar o Evangelho de Jesus Cristo.

Segundo Richter Reimer (2000, p. 56-7), é mérito de teólogas feministas, o fato de Rm 16 tornar-se conhecido. Segundo a Bíblia Explicada (1983, p. 413), a individualidade e particularidade das saudações nos instrui. A todos os cristãos e a todas as cristãs Paulo quis mandar uma palavra referente ao serviço ou testemunho da pessoa. Richter Reimer continua afirmando: pelo próprio texto de Paulo, vem à tona a participação da mulher nos trabalhos missionários. Mulheres que, para garantirem sua sobrevivência de cidade em cidade, exerciam suas profissões. Mulheres que exerciam o apostolado como Júnias. Mulheres como Priscila, Trifena, Tecla, Trifosa, Cloé, que fizeram de suas casas as Igrejas de Deus. E como pessoas comuns aceitaram um dia a boa notícia, o Evangelho de Jesus Cristo. Essas mulheres protagonistas formaram comunidades e assumiram um novo estilo de vida, dentro daquele contexto patriarcal de opressão.

Rm 16,1-16 testemunha a respeito do trabalho árduo das mulheres. Isso pode ser comparado com a vida das mulheres atuais. Como na antiguidade, mulheres hoje possuem uma carga de trabalho muito grande, mas, tendo em suas vidas Paulo como exemplo, vão trabalhando e fazendo discípulos. Muitas vidas são alcançadas pelo amor de Deus por meio de mulheres que usam o seu cotidiano para anunciar a Boa Notícia. Muitas mulheres sentem-se às vezes ameaçadas, como se sentiram as suas companheiras de luta no passado. Não se tem hoje um imperador diante do qual mulheres têm de se calar, mas temos homens que, revestidos de poderes eclesiais, nos limitam em nossos trabalhos missionários. E, usando textos da escritura, inibem a participação das mulheres nas Igrejas, tornando-as mulheres

hereges, pecadoras por quererem galgar posições que juntamente com Jesus e Paulo mulheres galgaram.

Rm 16,1-16 nos mostra exemplos de mulheres que mesmo sendo ameaçadas, suas vidas sendo expostas ao perigo dentro das circunstâncias da Pax Romana, ajudaram a organizar comunidades. São mulheres que responderam a seu chamado de fé, e mesmo peregrinando de cidade em cidade, trabalhando em uma atividade normal em seu cotidiano, reuniam-se em casas para suas celebrações de culto; mulheres como Priscila, Júnia, Evódia, Trifena, Trifosa e muitas outras foram pessoas que viveram em um sistema de cultura patriarcal, mas viveram um sacerdócio de mulheres.

3.3. Homens e Mulheres, a *Ekklesia* de Deus

Viver hoje um movimento igualitário, em se tratando de gênero dentro das Igrejas, não é fácil. Mas se faz necessário à medida em que mulheres vão se vendo e se descobrindo nas histórias dos seus antepassados. “Embora percebemos que, quanto mais os autores patriarcais dizem que as polêmicas em torno de liderança e ofício eclesial das mulheres resultou, em última análise, da ligação da liderança feminina com a heresia”, (FIORENZA, 1995, p. 187), mais nos instigam em buscar referencial bíblico para os nossos argumentos, em que mulheres e homens são livres para exercerem qualquer tipo de ministério.

Ao nos posicionarmos e mergulharmos no universo religioso de textos bíblicos, percebemos como mulheres e homens vão resistindo a mecanismo e vão superando ou não a opressão. Somos pessoas inseridas num contexto maior, em que por muitas vezes somos marcados por crises, desgovernos, por injustiça

imperando sobre a justiça, a impunidade, a miséria; e com isso chamamos por um alento, por socorro aos céus. Percebemos que, como pessoas, buscamos nos organizar para resistir e propor um novo tipo de convivência (RICHTER REIMER, 2000, p. 16).

Fiorenza (1999, p. 70-7) nos afirma que somos Povo de Deus, feito à sua imagem e semelhança e, na qualidade de um povo liberto, somos iguais. Por estarmos fraquejando no dia-a-dia, buscando alternativas, lutamos para viver e realizar discipulados de iguais. E nessa qualidade de discipulado de iguais somos *ekklesia*, a igreja de Deus.

Essa concepção de *ekklesia* significa encarar uma nova visão de comunidade, que coloque sinais do reino de Deus. É entendê-la com uma visão de justiça, de amor, que Jesus próprio proclamou. É construir uma igreja democrática, e incluir igualdade de acesso, de respeito nas lideranças com base nos diferentes dons e capacidades. Isso implica que a Igreja deverá romper com as estruturas patriarcais e incluir as mulheres e homens nas posições de liderança ordenada.

Há séculos várias comunidades cristãs romperam com essa estrutura patriarcal. Rm 16,1-16 é prova viva de que mulheres e homens viveram um discipulado de iguais. Paulo, com muita clareza, fala de mulheres diáconas, missionárias colaboradoras em Jesus Cristo, líderes e apóstolas. Elas possuem títulos e funções importantes, que lamentavelmente lhes foram subtraídos durante a história de igreja:

“Rm 16 não apresenta nenhum vestígio de segregação do trabalho e participação das mulheres; Paulo, ao contrário, não se cansa de exaltá-lo. Este fato é digno de nota, pois Rm 16 vem assim confirmar que, ao contrário do que afirmam muitos pesquisadores, a verdade de Gl 3,28 não era só bonita teoria no cristianismo primitivo, e sim, vivência e experiência do dia-a-dia eclesial. Este espaço que as

mulheres inicialmente ocuparam com tanto destaque, cedo lhes for tirado, curiosamente, em nome do próprio Evangelho (!)" (WEGNER, 1996, p. 52-3).

Hoje as mulheres buscam resgatar exatamente o que lhes foi tirado. Reconstruir sua história não quer dizer excluir os homens do contexto que também marcou suas vidas, mas é mostrar que ao longo de uma caminhada, homens e mulheres, juntos, fizeram parte da mesma história.

CONCLUSÃO

Reconstruir a história de mulheres não é uma tarefa fácil, sobretudo quando nos encontramos cercados de conceitos patriarcais. Mas é necessário, à medida em que sentimos necessidade, conhecer as mulheres que tanto fizeram por merecer seus títulos eclesiais.

Febe, Júnia, Priscila, Trifosa, Trifena, Evódia e outras, quando as conhecemos por meio de suas histórias, verificamos que nas comunidades pode se confirmar a hipótese desta pesquisa. Mulheres e homens participavam juntos com Paulo ou independente dele nos ministérios pastorais.

A primeira igreja de Cristo começa chamando as pessoas para um discipulado de iguais, onde os privilegiados eram os excluídos da sociedade, como: escravos, escravas, mulheres. Todas essas pessoas consideradas marginalizadas eram convidadas a serem líderes.

Ao verificar o contexto político, econômico e social, a família como célula base era responsável pela manutenção do sistema romano. A mulher nesse sistema de dominação ocupava uma posição politicamente nula, subordinada ao marido, era considerada como sua propriedade. Mas em meio a esse regime de escravidão, os cristãos propunham uma convivência em comunidade. Essa comunidade tendia a

formar um grupo distinto e separado da sociedade, era um grupo onde não reforçava o desprezo pela condição social, a submissão e a subordinação de pessoas, mas via a proposta do Reino de Deus, onde todos, abraçados pela mesma fé, aboliam entre si qualquer tipo de discriminação.

Hoje ao se estudar sobre as comunidades originárias, percebe-se que foram o tempo e a institucionalização da igreja e que fizeram com que as mulheres ficassem ocultas nas igrejas.

Estamos todos nós inseridos em uma sociedade onde os poderes se encontram ainda majoritariamente em mãos masculinas, onde muitos são enaltecidos mesmo que tenham sido auxiliados por grandes mulheres, serão as mulheres vistas por olhares machistas, as menos capazes, aquelas que não podem transportar montes, romper barreiras.

A religião é parte de uma cultura que retrata a sociedade na qual estamos inseridos e a não atuação das mulheres no ministério provém de cultura arcaica a qual vem sendo sustentada pela própria estrutura social que vem prevalecendo entre séculos.

Como o próprio Bortolini (1997, p. 12) afirma, Rm 16,1-16, à primeira vista, é um elenco de nomes sem grande importância. Mas se olharmos atentamente, iremos descobrir o tesouro de informações que este capítulo nos fornece. Embora se saiba que muitas pessoas possam ter caído no anonimato, aquelas que Paulo faz referências são pessoas que deixaram marcas e deram sua contribuição na história.

Neste último capítulo da Carta aos Romanos, Paulo faz saudações, relembra ministérios. Mostra-nos uma comunidade onde todos viviam unidos na mesma fé, na partilha e no exercício dos múltiplos ministérios exercidos por homens

e mulheres. É a diversidade de ministérios exercida por todos, que não deixavam o espírito de união acabar.

Hoje, textos como Rm 16,1-16 são abolidos de sermões e estudos, pois, são textos contraditórios àqueles que muitas denominações usam para oprimir a figura feminina.

Paulo, sem dúvida, em suas Cartas, possui palavras que vão contra os ministérios exercidos por mulheres. Foi um homem de grande representatividade na história do cristianismo, mas o que se percebe é que Paulo reconhecia o valor de cada colaborador no serviço de evangelização. Todas as palavras ditas sobre as mulheres contrárias às posições sociais exercidas por elas deveriam ser levadas em conta no contexto político e social da época.

Paulo era um homem que participava ativamente da sociedade na qual vivia. Como homem, poderia utilizar-se de uma linguagem androcêntrica apenas porque lhe era favorável, não porque lhe fosse de desejo agir dessa forma.

A Bíblia, assim como os textos que a compõem, foi escrita por varões que representavam a cultura de uma época, cultura patriarcal, onde conseguiram esconder os serviços prestados pela figura feminina. Hoje, através de olhares hermenêuticos, podemos perguntar aos textos, quem são? quem foram? quais os nomes das pessoas que foram protagonistas na história?

Rm 16,1-16 é exemplo vivo de que homens e mulheres eram companheiros na propagação do Evangelho. Paulo, talvez querendo deixar gravado na história, intencionalmente nos deixa relatado em suas Cartas as mulheres com nomes e seus respectivos ministérios, as quais fizeram história.

Viver na época onde a submissão e a doçura eram características

fundamentais da figura feminina; mostrar-se na história, era como ir contra os padrões culturais da época. Mas tivemos mulheres em Roma que não se deixaram enfraquecer por padrões sociais, vivendo no Evangelho de Jesus Cristo, e se tornaram como seres iguais, dotadas da mesma capacidade na propagação do Evangelho a todos os seres vivos.

Temos hoje exegetas que tentam ainda encontrar raízes de repressão em textos que por si falam do protagonismo de mulheres. Exemplo disso é Júnia “tida como apóstolo”, tenta-se provar não se tratar de uma figura feminina e sim de um homem¹⁸.

Como cristão, imitador de Jesus Cristo, servo e separado para propagar o Evangelho, termos usados assim pelo próprio Paulo, este é tido por muitos cristãos evangélicos como homem digno de ser copiado em muitas de suas atitudes. Talvez estará aqui o grande equívoco das denominações evangélicas, pois Paulo foi um homem como qualquer outro, possuía suas limitações e vivia em um outro contexto histórico, o que o torna diferente. Paulo, portanto, vivia rodeado de uma outra realidade, e os seus ensinamentos, devemos tê-los como exemplo, mas contextualizar os seus escritos.

Paulo, assim como as mulheres daquela época, apaixonado pelo Evangelho de Jesus Cristo, luta contra tudo e contra todos a fim de realizar seu trabalho missionário, deixando-nos o exemplo de que devemos sempre lutar por aquilo que acreditamos ser o melhor para nossas vidas.

Ao estudarmos Rm 16,1-16, percebemos que é válido e necessário um trabalho de revisão da hermenêutica bíblica tradicional, uma vez que o tema aqui

¹⁸ Veja a esse respeito, Schottroff, 1995, p. 86.

pesquisado não se esgota, e se perguntarmos pelas mulheres, teremos sempre respostas positivas quanto aos seus trabalhos, pois estas não mediam esforços para estarem propagando o amor e a fraternidade que Jesus Cristo propunha aos povos às nações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, Ruthe. Apóstola / Discípula. In: GOSSMANN, Elizabeth; SCHOTT ROFF, Luise (Orgs.). *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 33-8.

ARENS, Eduardo. *Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais econômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1997.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo*. (I). São Paulo: Loyola, 1989, p. 158-160.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo*. (II) São Paulo: Loyola, 1991.

BORTOLINI, José. *Como ler a Cartas aos Romanos*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1997.

CEBI: Centro de Estudos Bíblicos. *Paulo e suas cartas*. São Leopoldo: Paulus, 2000, p. 33-37.

COMBLIN, José. A Igreja na casa. Contribuição sobre os fundamentos das comunidades Eclesiais de Base. In Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis: 1987. V. 47, n. 186, p. 320-355.

COMBY, Jean; LEMONON, Jean-Pierre (Orgs). *Roma em Face a Jerusalém: visão de autores gregos e latinos*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1987.

CRANFIELD, C.E.B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 346-355.

CRB. *Viver e anunciar a palavra: As primeiras comunidades*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 271-278.

CULVER, Robert, D. Um ponto de Vista tradicional. Que as mulheres fiquem calados. In: Clouse, Robert g. Clouse Bonnidell (eds.). *Mulheres no Ministério: quatro opiniões sobre papel da mulher na Igreja: rad. Oswaldo Romanos*, São Paulo: Mundo Cristão, 1996. P. 29-62.

FABRIS, Reinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

FIORENZA, Elisabeth S. *et al.* A não ordenação da mulher e a política do poder. *Concilium*, Petrópolis, v. 3, nº 281, 1999. p. 69 a 78.

FIORENZA, Elizabete S. *As Origens Cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elizabeth. S. *Discipulado de Iguais uma Ekklesia – logia Feminista crítica da Libertação*. Trad. Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 177-193.

FOULKES, Irene. Paulo – um militante mesógeno? Teoria do Gênero e releitura pública. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. São Leopoldo, n. 20, p. 119-25, 1995.

GOETZMANN, J. Art. Oikos (Casa). In Brown, Colen; Coenen, Lolhar (Orgs). *Diccionario Internacional do Novo Testamento*. 2ª ed. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 285-8.

GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (coords.). *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 7

JENSEN, Anne Art. Diacona. In. GOSSMANN, Elizabeth; SCHOTTROFF, Luise (orgs.). *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 114-17.

LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. Tradução de Hans Jorg Witter. São Paulo: Paulinas, 2000.

LOPES, Eliseu. *Paulo e suas Cartas*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2000, p. 33-37.

MATOS, Keila Carvalho de. *A comunidade de Corinto*. Monografia (Trabalho Interdisciplinar). Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

MATTOS, Vera Lúcia Monteiro da Silva. *Caminhos para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Vida Plena, 2002.

MEEKS, Wayne A. *As origens da moralidade Cristão os dois primeiros séculos*. Tradução Adauri Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1997.

MeNAIR, S.E. *A Bíblia Explicada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa Púlicadora das Assembléias de Deus, 1983, p. 413.

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o evangelho*. 6 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

MICKELSEN, Alvera. Não há homem nem mulheres em cristo. In: Clouse, Bonnudell, Clouse, Robert G. (eds.). *Mulheres no Ministério: quatro opiniões sobre o papel da mulher na Igreja*. Trad. Oswaldo Romanos. São Paulo: Mundo Cristão, 1996. p. 209-252.

NESTLÉ – ALAND (eds). *Novum Testamentum Graece*. 27. editione Revisa. Stuttgart: Deutsche Bibelgellschaf, 2001, p. 438-9.

PILCH, John J. Romanos. In BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário Bíblico*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1999, p. 191.

REILY, Duncan Alexander. *Ministério Femininos em perspectiva histórica*. 2 ed. Campinas: CEBEP. São Bernado do Campo: Editeo, 1997, p. 23-80.

REIMER, Horaldo; RICHTER REIMER, Ivoni. *Tempo de Graça*. O Jubileu e as Tradições Jubilares na Bíblia. São Leopoldo: Sinodal: CEBI: Paulus, 1999.

RICHTER REIMER, Ivoni. A Economia dos ministérios Eclesiais: Uma Análise der Romanos 16, 1-16. In *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 13, n. 5, p. 1079-1092, set/out. 2003.

RICHTER REIMER, Ivoni. *O Belo, as feras e o novo tempo*. São Leopoldo: CEBI; Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Vida de mulheres na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.

RICHTER REIMER, Ivoni. Reconstruir história de Mulheres Reconsiderações sobre trabalho e *Status* de Lídia em At. 16. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*. São Leopoldo; Petrópolis: Vozes, n. 04, p. 36-48, 1989.

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista*. Tradução Ivoni Richter Reimer. São Paulo: Paulinas, 1995.

STAMBAUGH, John E. BALCH, David. L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996. 176 p.

TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação a justificação pela fé, partindo dos excluídos.*

Trad. George I. Maissiat. São Paulo: Paulus 1995.

TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego.* 9. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

TERRA, D. João Evangelista Martins. Cartas de São Paulo. In: *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo. V. XXIII, n. 95/96, 2000. Loyola.

VELASQUES, Filho, Prócoro. *A casa lar e como Igreja – um conceito perdido.* In: Simpósio. São Paulo, 1988. v. 6 (3), n. 31, p. 213-217.

WEGNER, Uwe. Aspectos Socioeconômicos na Carta aos Romanos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 25, p. 43-55, 1990.

WENGST, Klaus. *Pax Romana. Pretensão e realidade.* São Paulo: Paulinas, 1991.